30 ANOS DO BI
DOCUMENTO HISTÓRICO
PLACAR
Nº 1072
JUNHO DE 1992
Cr$ 10 700,00
O REI DA COPA DE 62
• A INFÂNCIA E O PRIMEIRO TIME
• O DRIBLE DIABÓLICO
• A EXPLOSÃO DO TALENTO EM 58
• A CONSAGRAÇÃO NO CHILE
• OS AMIGOS E OS AMORES
A ETERNA LENDA CHAMADA
GARRINCHA
0563

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci,
Edvard Ghirelli Filho, Jaime de Oliveira Nascimento,
Júlio Bartolo, Oswaldo de Almeida,
Ricardo A. Setti, Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Sérgio F. Martins
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórteres: Paulo Coelho e Patricia Hargreaves (estagiária)
Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e José Jonas de Lima (colaboradores)
Assistentes de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

APOIO EDITORIAL
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Madri: Alessandro Porro (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Cicero Brandão

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Gerentes: Dario Castilho, Miguel Castello, Moacyr Guimarães, Nilo Galdeano Bastos, Olavo Ferreira, Roberto Nascimento (SP); Aldano Alves (RJ)
Gerente de Promoção: Jacira Fernandes de Barros
Coordenação de Publicidade: Sadako Sigematu (supervisora), Tieko Kuniyuki (Coordenadora)
Representantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Ana Marta Manfio Gozzio, Antonio Carlos Perreto, Eliane Pinho S. da Silva, João Marcos Ali, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Luiza Pantalea, Marcia Regina da Silva, Renato Bertoni, Selma Ferraz Souto (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)
Serviço de Marketing Publicitário: Marta de Moraes (supervisora)
Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Regiões Sul e Sudeste); Geraldo Nilson de Azevedo (Regiões Norte, Centro e Nordeste)
Gerente de Contas: Lilica Mazer (Sul)
Escritórios Regionais - Gerentes: Alfredo Guimarães Motta Neto (Salvador); Mauro Marchi (Blumenau); Rogério Ponce de Leon (Brasília); Silvio Provazzi (Recife); Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte). **Supervisores:** Ana Lúcia Figueira (Porto Alegre); Luiz Alberto Souza Santos (Curitiba); Reginaldo Gomes de Andrade (Fortaleza); Silvana Grisi (Campinas)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermidia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Sucesso Representações e Marketing (PA); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

MARKETING
Diretor de Marketing: Reynaldo Mina

ASSINATURAS
Diretor de Serviços ao Assinante: Eduardo Marafanti
Diretor de Operações: Nelson Romanini Filho

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Luis Fernando Pinto Veiga
Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi,
Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira,
Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio,
Raymond Cohen, Roger Karman,
Thomaz Souto Corrêa

Garrincha: sinônimo do bi

Faz trinta anos que a Seleção Brasileira ganhou o bicampeonato mundial no Chile. Os heróis daquela epopéia são mais ou menos os mesmos da campanha de 1958, na Suécia. Em vez de Orlando na zaga, Zózimo, reserva na primeira conquista. Em vez de Bellini, Mauro, o capitão que ergueu a taça pela segunda vez. De resto, novidade mesmo só Amarildo, o Possesso, que substituiu o Rei Pelé, músculo da virilha distendido logo no começo da Copa chilena. Amarildo foi vital, sem dúvida, mas talvez a história mereça uma correção. Na verdade, não foi bem ele quem entrou no lugar de Pelé, o dono do time. No lugar de Pelé entrou um outro craque de sangue azul, que jogou pelo Rei e por Mané Garrincha. Seu nome?

Bem, o nome deste gênio capaz de jogar por dois outros era Mané Garrincha. Não apenas (apenas?!) aquele monstruoso ponta que assombrou o mundo em 1958. Nem só aquele que começou a Copa no Chile, como a garantia de que jamais o Brasil perderia o bi tendo Mané e Pelé em plena forma no mesmo ataque. O Mané Garrincha de 1962 era outro. Chutava de esquerda, fazia gol de cabeça, batia faltas, armava. E driblava como sempre. E comandava, como nunca. À sua memória dedicamos esta edição.

Juca Kfouri

ESPECIAL Caderno com o tabelão do Campeonato Brasileiro

AG. GLOBO

Muitas vezes não foi entendido pelos técnicos, que o achavam individualista, irresponsável. Muitas vezes desentendeu-se com dirigentes, que sempre procuraram tirar dele o máximo, mesmo quando fisicamente não podia. Mas nenhum outro jogador foi tão amado pelo povo e pelas crianças. E a eternidade quem faz é o povo e as crianças.

Foto de capa: *Presse Sport*

30 ANOS DO BI

A mais brilhante geração de craques que o país já teve deixa sua marca para sempre na história

Data: 17 de junho de 1962. Neste dia, no Estádio Nacional de Santiago, no Chile, a mais brilhante geração de craques que o Brasil conheceu conquistava o seu segundo título mundial, ao vencer a Tcheco-Eslováquia por 3 x 1 na decisão da Copa daquele ano. Com apenas três alterações (Mauro no lugar de Bellini; Zózimo substituindo a Orlando; e Amarildo ocupando a vaga de Pelé), era praticamente o mesmo time que havia encantado o mundo inteiro quatro anos antes, na Suécia. Uma equipe que praticava um futebol técnico, hábil, solto, e buscava sempre não só a vitória, mas também o gol e o espetáculo.

No gol havia Gilmar, o melhor goleiro que o Brasil já teve vestindo a camisa da Seleção. Em sua reserva, estava o falecido Carlos Castilho, o lendário "Leiteria" do Fluminense. Djalma Santos, o "Lorde", era um lateral-direito tão bom que, em 1958, embora tivesse jogado apenas a última partida, contra a Suécia, foi escolhido pela imprensa internacional como o titular inquestionável da seleção daquela Copa. O correto Jair Marinho era o seu substituto imediato. Mauro Ramos de Oliveira, reserva quatro anos antes, herdou de Bellini a braçadeira de capitão e a imponência no ritual de erguer a Taça Jules Rimet depois da vitória. Ao seu lado, o bangüense Zózimo tornava o miolo de zaga brasileiro um fortim seguro. O novato Jurandir, do São Paulo, ficava à sua sombra, no banco. Da lateral-esquerda, o dono era Nílton Santos, a Enciclopédia do Futebol. É preciso dizer mais? O tricolor Altair, do Fluminense, só podia mesmo permanecer comportadamente esperando uma chance.

MANCHETE

MOMENTO INESQUECÍVEL: NO MEIO DO GRAMADO, MAURO ERGUE A TAÇA JULES RIMET

O meio-campo, ah, o meio-campo! Didi e Zito formavam ali uma dupla afinada. Enquanto o primeiro arquitetava jogadas, desferia lançamentos mais que perfeitos, o segundo era uma combinação rara de raça e categoria. Na reserva, dois nomes que não fariam feio com a camisa titular: o palmeirense Zequinha e o santista Mengálvio. Como terceiro homem de armação, havia o ponta-esquerda Zagalo, o "Formiguinha", apelido que ganhou por seu incansável trabalho a favor do coletivo. Seu reserva, o santista Pepe, tinha outro estilo. Era um ponta ofensivo, com um canhão

ABRIL

TIME BOM DE BOLA E TÍTULOS: DJALMA, ZITO, GILMAR, ZÓZIMO, NÍLTON E MAURO; AGACHADOS: GARRINCHA, DIDI, VAVÁ, AMARILDO E ZAGALO

no pé esquerdo, que só não foi titular no Chile por se machucar pouco antes da estréia.

Pelo mesmo motivo — contusão — o santista Coutinho acabou perdendo a camisa 9 para Vavá, o Leão da Copa em 1958. Eram dois jogadores completamente diferentes. Coutinho esbanjava técnica e tinha uma frieza sobrenatural dentro da área. Vavá, ao contrário, era raçudo e oportunista. Na meia-esquerda, havia Pelé. Pelé é Pelé. O Rei do Futebol, o Atleta do Século. Ao se machucar na segunda partida da Copa, teve de ceder o lugar para o botafoguense Amarildo, o Possesso, um jogador que, embora técnico, não tinha medo de cara feia. Com sua garra, ele ajudou o Brasil a virar a dramática partida contra a Espanha, o jogo mais difícil da Seleção canarinho nos gramados do Chile.

Na ponta-direita estavam Jair da Costa, da Portuguesa de Desportos, e Garrincha. Jair, depois de encerrado o Mundial, transferiu-se para a Internazionale de Milão, onde fez fama e fortuna. Um ótimo jogador, veloz e habilidoso, mas que tinha como rival na luta pela camisa 7 o genial Mané, simplesmente o maior ponteiro-direito da história. E é lembrando Garrincha com carinho nesta edição que PLACAR rende suas homenagens àquela geração que conquistou o mundo duas vezes e soube, melhor do que qualquer outra, unir beleza e força, habilidade e vontade de vencer, espetáculo e objetividade, dando ao futebol uma outra dimensão e tornando o Brasil uma potência no esporte.

AG. O GLOBO

AMARILDO, O POSSESSO, COMEMORA SEU SEGUNDO GOL, NA VIRADA CONTRA A ESPANHA

1962

O ANO QUE VIROU LENDA

Jogando por ele e por Pelé, Garrincha desequilibrou a Copa do Chile e foi aclamado rei

DE QUE PLANETA VIENE GARRINCHA? Perguntava, em perplexa manchete, o jornal chileno *El Mercúrio*. "Em cinqüenta anos de futebol, jamais apareceu um jogador como ele", afirmava o jornal inglês *Daily Mirror*. O mundo inteiro, enfim, não se cansava de demonstrar seu encantamento com o futebol mágico que aquele ponta-direita de pernas tortas e jeito de Charles Chaplin apresentou ao longo da Copa de 1962, quando se consagrou como o rei inquestionável daquele Mundial e se tornou o principal responsável pela conquista do bicampeonato pela Seleção Brasileira. De fato, Mané Garrincha fez de tudo nos gramados do Chile — gols de cabeça, gol de perna esquerda, cruzamentos perfeitos e, principalmente, dribles, dribles e dribles, que faziam a alegria da torcida e levavam à loucura as defesas adversárias.

DOIS SÍMBOLOS NACIONAIS EM 62: O FUSCA E MANÉ

AG. O GLOBO

Passados trinta anos, ninguém ousa discutir: a Copa de 1962 foi de Garrincha. De um Garrincha maduro e no auge da forma como jogador. Não era mais aquele ponta desligado que se espantara em 1958 ao saber que não havia segundo turno em campeonatos mundiais. "Mas por que todo mundo está chorando? Não ganhamos o jogo?", perguntou, sem

ABRIL

MANÉ NINA A TAÇA JULES RIMET, QUE AJUDOU A CONQUISTAR COM A IRREVERÊNCIA DOS SEUS DRIBLES

Parecia um garoto, feliz por receber tantas bolas

entender o que levava seus companheiros às lágrimas após a vitória de 5 x 2 na final contra a Suécia, quatro anos antes. Quando soube da razão do choro coletivo, comentou decepcionado: "Que campeonato mais mixuruca! Não tem nem returno!"

ESTRÉIA CONTRA O MÉXICO: UM BAILE NO MARCADOR E PARTICIPAÇÃO DIRETA NO PRIMEIRO GOL

ALBERTO FERREIRA/AG. J.B.

Em 1962, Mané sabia muito bem o que representava uma Copa. Mais: percebia com clareza que comissão técnica, jogadores e o Brasil inteiro esperavam dele quase o impossível — que jogasse também por Pelé, machucado na segunda partida da Seleção, contra a Tcheco-Eslováquia. Só que ninguém tinha coragem de lhe dizer abertamente essa verdade: sem pedir, transformara-se na grande esperança brasileira e no único craque capaz de desequilibrar não apenas uma partida, mas a própria Copa. A repentina deferência com que todos passaram a tratá-lo desde o final do jogo contra os tchecos deixava transparecer a imensa importância que ganhou para o sucesso da equipe. Sempre que alguém cruzava com ele na concentração, fazia a mesma pergunta: "Tudo bem, Mané?" Ou então: "Te cuida, hein?"

Desde a estréia do Brasil naquela Copa, Garrincha sentia que havia alguma coisa errada com o time. A Seleção ganhara do México, por 2 x 0, mas se mostrara desentrosada, apática, sem criatividade. No jogo contra a Tcheco-Eslováquia, o empate de 0 x 0 até que podia ser considerado um bom resultado — Pelé se machucara aos 28 minutos do primeiro tempo e a equipe jogou com dez homens úteis a partir daí. Mané achava que devia ter mais liberdade em campo, não ficando fixo na ponta. Chegou mesmo a pensar em conversar com o técnico Aimoré Moreira sobre isso. Desistiu, porém. Não era esse o seu jeito de resolver as coisas.

No futebol ou na vida, aceitava ordens e situações até certo ponto. A partir daí, demonstrava sua insatisfação com atos de rebeldia silenciosos. Era assim quando se desentendia com os dirigentes do Botafogo e fugia para Pau Grande sem falar nada com ninguém. E foi assim também no Chile. Depois de se manter obedientemente na ponta contra a Espanha, na terceira partida da Copa, decidiu que chegara a hora de ter liberdade total, embora o futebol que havia jogado no segundo tempo contra os espanhóis tivesse sido decisivo para a vitória brasileira de 2 x 1, de virada. No segundo gol, por exemplo, driblou dois adversários e deu de bandeja para Amarildo testar para as redes. O problema é que estava jogando apenas por Garrincha. E era preciso jogar também por Pelé.

A ÚNICA PARTIDA EM QUE TEVE DIFICULDADES COM UM LATERAL FOI CONTRA A TCHECO-ESLOVÁQUIA

ABRIL

O próximo adversário seria a Inglaterra, já pelas quartas-de-final, e os jogadores e comissão técnica decidiram sacudir Mané de uma vez por todas. Para mexer com seus brios, foram lhe dizer que o lateral Flowers andara afirmando em entrevistas que o anularia facilmente. A tática deu certo: Garrincha ficou queimado com a suposta empáfia do inglês e resolveu acabar com ele. Com ele e com todo o time da Inglaterra. Chamado de um ponta de um drible só, sempre para o lado direito, Mané mostrou naquela partida todo o seu vasto repertório. Corria pela direita, pela esquerda, pelo meio. E tome drible. Em

Flowers, em Norman, em Wilson, em Bobby Moore. "Fica na ponta para segurar o zagueiro", berrava o técnico Aimoré. Garrincha fingia que não ouvia.

Se havia uma coisa no futebol que detestava era cabecear, desde o dia que, garoto, em Pau Grande, machucou a testa com uma bola pesada e enlameada. Seu negócio era usar os pés. Melhor: o pé direito. Mas, como estava decidido a jogar também por Pelé, fez nesta partida um dos raríssimos gols de cabeça de toda a sua carreira. Ainda para substituir o Rei ausente, passou a bater faltas. Numa delas, a bola explodiu no peito do goleiro e sobrou limpa para Vavá marcar. Aos catorze do segundo tempo, recebeu um passe de Amarildo pela meia-esquerda e enfiou o pé, de primeira. A bola fez uma incrível curva e entrou no ângulo, numa autêntica folha-seca. Ao abraçar Didi, Mané brincou: "Viu, Foca *[o apelido de Didi entre os jogadores]?* Não é só você que sabe chutar assim". Brasil 3 x 1. Depois do jogo, o técnico inglês Walter Winterbotton mostrou-se conformado: "Preparamos nossos rapazes durante quatro anos para enfrentar times de futebol. Não esperávamos um jogador como Garrincha".

Mas aquilo era só o começo, pois o ponta descobrira as delícias que havia na parte central do campo. "É muito bom jogar por ali. A gente recebe um monte de bola", dizia com a mesma alegria de seus tempos de meia-direita do juvenil do Sport Club Pau Grande, seu primeiro time. Assim, depois de um segundo tempo espetacular contra a Espanha e de uma partida fantástica contra a Inglaterra, o ponta faria uma das mais incríveis apresentações individuais da história das Copas contra o Chile, já pelas semifinais.

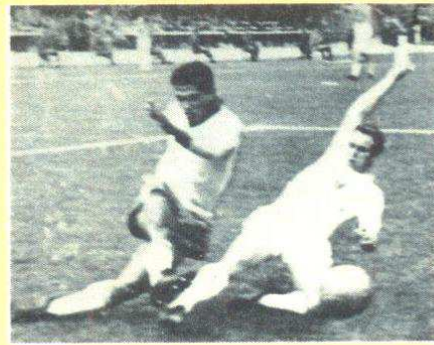
ABRIL

SUA EXIBIÇÃO PERFEITA CONTRA A ESPANHA, NO SEGUNDO TEMPO, LEVOU A SELEÇÃO À VITÓRIA

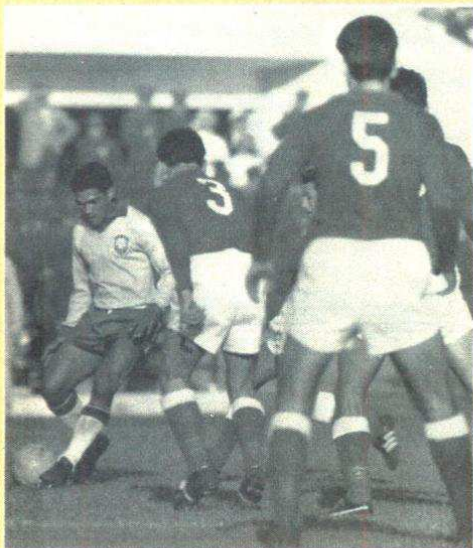
A Seleção dona da casa vinha embalada por uma série de bons resultados. Vencera a Suíça na estréia por 3 x 1, ganhara da Itália por 2 x 0 e, depois de perder para a Alemanha por 2 x 0, obtivera uma vitória surpreendente contra a União Soviética por 2 x 1. A torcida começava a sonhar até com o título. Os jornais diziam que, depois do queijo (Suíça), do macarrão (Itália) e do caviar (URSS), chegara a hora de tomar café.

Foi nesse clima que Garrincha e seus companheiros entraram em campo para enfrentar o Chile, perante 77 mil espectadores que lotavam o Estádio Nacional, em Santiago. Ao contrário da sueca, quatro anos antes, a torcida chilena era barulhenta, apaixonada e até mesmo hostil. O jogo prometia ser difícil devido a essas circunstâncias. Só prometia, pois Garrincha destroçou todos os sonhos chilenos com uma atuação simplesmente inesquecível. Com nove minutos de partida, fez 1 x 0 com um chute de esquerda de fora da área. E perna esquerda para ele sempre serviu apenas como apoio. Aquele gol seria mais tarde considerado pelo próprio ponta como o mais bonito e importante de sua carreira. "A bola veio para a esquerda e eu não chuto bem de esquerda, mas não dava para trocar de pé. Então chutei de esquerda fazendo de conta que era de direita", ele explicou o gol dessa maneira anos depois, numa entrevista.

Incentivada pela torcida e na base do entusiasmo, a Seleção Chilena tentou equilibrar o jogo. A luta, no entanto, era desigual. Garrincha deitava e rolava em cima de seu marcador Eládio Rojas, que, mesmo apelando para faltas, acabava invariavelmente no chão. Garrincha não parava em canto nenhum. Ia pelo meio,

FOTOS ABRIL

PARA MEXER COM SEUS BRIOS, OS JOGADORES INTRIGARAM: O LATERAL FLOWERS DISSE QUE ACABARIA COM ELE. QUEIMADO, GARRINCHA DESMONTOU A INGLATERRA

1962

Rojas faz falta e foge. Mané chuta-lhe o traseiro

PRESSESPORTS

ALBERTO FERREIRA/AG. J.B.

A PARTIDA QUE FEZ CONTRA O CHILE FOI INESQUECÍVEL. PELO FUTEBOL DE SONHOS QUE JOGOU E POR TER SIDO EXPULSO PELA PRIMEIRA E ÚNICA VEZ NA VIDA

pela direita, pela esquerda. Aos 32, num escanteio cobrado por Zagalo, fez 2 x 0, repetindo o gol de cabeça que fizera contra a Inglaterra. O Chile descontou em seguida, porém o Brasil tinha Mané. Num cruzamento seu, perfeito, milimétrico, Vavá marcou o terceiro. Os chilenos voltaram a descontar, mas o mesmo Vavá liquidaria a partida aos 32 do 2.º.

Quatro minutos mais tade, cansado de apanhar de Rojas, Garrincha levantou-se do chão e foi para cima de seu marcador, que, assustado com a reação do brasileiro, virou as costas para fugir. Mané deu-lhe então um chute no traseiro. Mais do que violenta, a cena foi cômica. Acabou expulso. Era a primeira e única vez que saía de um campo de futebol expulso — ele que apanhava tanto sem jamais reclamar e que quase nunca viu seus agressores receberem o castigo merecido. E isso lhe doeu. Porém lhe doeu ainda mais a pedrada que recebeu na cabeça de um torcedor. "Levar uma pedrada na cabeça como uma rolinha, gente boa, não dá para entender", queixou-se ainda magoado muitos anos depois.

O Brasil estava na final. Mas de que adiantava isso se Garrincha não poderia jogar devido à expulsão? Pânico entre os jogadores e a comissão técnica. Apreensão e medo na torcida brasileira. Os dirigentes, porém, mexeram bem os seus pauzinhos nos bastidores e Mané foi perdoado pelo tribunal da FIFA. A Seleção e o país ganharam novo ânimo. No entanto, um vírus comum de gripe não pôde ser "convencido" pelos dirigentes a não contaminar o ponta. Garrincha, então, acabou entrando em campo contra a Tcheco-Eslováquia com 39 graus de febre. Os adversários não sabiam disso, no entanto, e colocaram até três para marcá-lo. Mané divertiu-se com toda aquela atenção desnecessária. Com a fila de tchecos à sua frente, passou o jogo inteiro apenas balançando o corpo, entortando-os praticamente sem sair do lugar. "Fiquei fingindo o tempo todo", lembraria às gargalhadas. Partida encerrada, Mané foi direto para a cama. Exausto. Dera centenas de dribles, participara diretamente de 70% dos gols da Seleção e terminara a Copa como um de seus artilheiros com quatro gols. Cumprira a tarefa a princípio considerada impossível de jogar por ele e por Pelé, dando o bicampeonato ao Brasil e se consagrando como um dos maiores jogadores que já existiram. Uma lenda. O anjo de pernas tortas que jogava um futebol de sonho. A inesquecível alegria do povo.

ABRIL

NA FINAL, SÓ BALANÇAVA O CORPO PARA ENTORTAR A FILA DE TCHECOS. ESTAVA COM 39 DE FEBRE

OS PASSOS DA CONSAGRAÇÃO

OITAVAS-DE-FINAL

30/maio/62

BRASIL 2 X MÉXICO 0

Local: Estádio Sausalito (Viña del Mar); Juiz: Gottfried Dienst (Suíça); Gols: Zagalo 11 e Pelé 27 do 2.º

BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo

MÉXICO: Carbajal, Del Muro, Cardenas, Sepúlveda e Villegas; Najera e Jasso; Del Aguilla, Reyes, Hernández e Diaz

O JOGO: Depois de um primeiro tempo péssimo, o Brasil melhorou na segunda etapa. Garrincha participou das jogadas dos dois gols.

2/junho/62

BRASIL 0 X TCHECO-ESLOVÁQUIA 0

Local: Estádio Sausalito (Viña del Mar); Juiz: Pierre Schwinte (França)

BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo

TCHECO-ESLOVÁQUIA: Schroif, Lala, Pluskal, Popluhar e Novak; Masopust e Scherer; Stibranyi, Kvosnak, Adamec e Jelinek

O JOGO: Com Pelé machucado aos 28 do primeiro tempo, o Brasil perdeu força no ataque. Garrincha foi bem marcado por Novak.

6/junho/62

BRASIL 2 X ESPANHA 1

Local: Estádio Sausalito (Viña del Mar); Juiz: Sérgio Bustamante (Chile); Gols: Adelardo 35 do 1.º; Amarildo 27 e 40 do 2.º

BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo

ESPANHA: Araquistaín, Rodri, Echevarria, Pachín e Gracia; Vérges e Peiró; Collar, Adelardo, Puskas e Gento

O JOGO: O Brasil começou nervoso e foi dominado no primeiro tempo. Na segunda etapa, Garrincha deu um baile. O gol da vitória nasceu de uma jogada sua.

QUARTAS-DE-FINAL

10/junho/62

BRASIL 3 X INGLATERRA 1

Local: Estádio Sausalito (Viña del Mar); Juiz: Pierre Schwinte (França); Gols: Garrincha 32 e Hitchens 38 do 1.º; Vavá 8 e Garrincha 14 do 2.º

BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo

INGLATERRA: Springett, Armfield, Bobby Moore, Wilson e Flowers; Norman e Haynes; Douglas, Greaves, Hitchens e Bobby Charlton

O JOGO: Garrincha desequilibrou a partida com uma atuação maravilhosa. Fez dois gols, participou do terceiro e deixou Flowers tonto.

SEMIFINAIS

13/junho/62

BRASIL 4 X CHILE 2

Local: Estádio Nacional (Santiago); Juiz: Arturo Yamasaki (Peru); Gols: Garrincha 9 e 32, Toro 41 do 1.º; Vavá 3, Leonel Sánchez (pênalti) 16 e Vavá 32 do 2.º; Expulsão: Garrincha e Landa

BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo

CHILE: Escutti, Eyzaguirre, Contreras, Raul Sánchez e Rojas; Rodríguez e Tobar; Ramírez, Toro, Landa e Leonel Sánchez

O JOGO: O Brasil venceu o time chileno, a torcida e o péssimo juiz peruano com categoria. Garrincha teve uma das mais incríveis apresentações individuais na história das Copas nesta partida.

FINAL

17/junho/62

BRASIL 3 X TCHECO-ESLOVÁQUIA 1

Local: Estádio Nacional (Santiago); Juiz: Nicolai Latishev (URSS); Gols: Masopust 15 e Amarildo 16 do 1.º; Zito 24 e Vavá 33 do 2.º

BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo

TCHECO-ESLOVÁQUIA: Schroif, Tichy, Pluskal, Popluhar e Novak; Masopust e Scherer; Pospichal, Kadraba, Kvosnak e Jelinek

O JOGO: Mesmo com 39 graus de febre, Garrincha chamou a atenção do time tcheco, que colocou três jogadores a marcá-lo, facilitando a vida dos outros atacantes brasileiros.

BRASIL BICAMPEÃO MUNDIAL

AG. J.B.

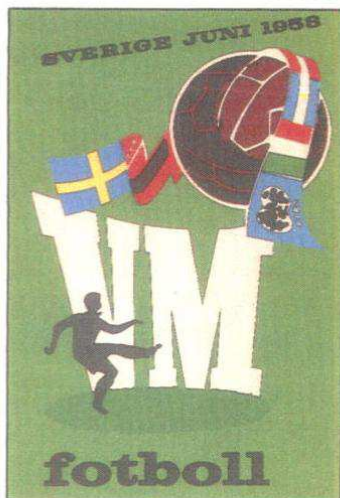
A ALEGRIA DO BI: GARRINCHA, O MAIOR RESPONSÁVEL PELO TÍTULO, CORRE PARA ABRAÇAR AMARILDO (20)

1958

O NASCIMENTO DO MITO

Mané entra no time, estraçalha a URSS e deixa o mundo boquiaberto na Copa da Suécia

Estádio Nya Ullevi, Gotemburgo, Copa do Mundo de 1958. Começa o jogo Brasil x União Soviética, pelas oitavas-de-final. Vavá toca para Didi, que lança Garrincha na ponta-direita. O lateral Kuznetsov corre para a marcação. Mané balança o corpo para a esquerda e sai pela direita, como uma flecha. Kuznetsov cai de traseiro no chão. A torcida sueca não sabe se ri ou aplaude. Na dúvida, fica de boca aberta. Sete segundos depois, bola de novo com Garrincha. De novo Kuznetsov pára à sua frente. De novo Mané balança para a esquerda. De novo passa como um raio pelo lado direito — e pára. Kuznetsov se recupera. Toma outro drible. E mais outro. A torcida agora está de pé, atônita. Garrincha invade a área, com o lateral soviético em seu encalço, auxiliado pelos zaqueiros Voinov e Krijevski. Mané passa pelos três. Pelé, livre na pequena área, espera o passe. O ponta, porém, dispara a bomba, mesmo sem ângulo. A bola explode contra a trave esquerda do goleiro Yashin e se perde pela linha de fundo. Um minuto de jogo. A torcida ri e aplaude com entusiasmo.

Com seu trote desengonçado, Garrincha volta para o meio do campo. A defesa brasileira intercepta o tiro de meta adversário. Bola mais uma vez para Mané. Daí, para Didi. Para Pelé. Para Garrincha. Para Pelé. A bola volta a se chocar

AG. O GLOBO

DE CHAPÉU, GUARDA-CHUVA PENDURADO NO BRAÇO, PALETÓ JUSTO E CALÇAS LARGAS, ERA O PRÓPRIO CARLITOS

GARRINCHA E DJALMA SANTOS COMEMORAM COM PELÉ. PARA ELE, A COPA ERA MIXURUCA POR NÃO TER RETURNO

1958

Os três minutos mais fantásticos da História

REPRODUÇÃO AG. JB

O TIME CONTRA PAÍS DE GALES: DE SORDI, ZITO, BELLINI, NÍLTON SANTOS, ORLANDO E GILMAR; AGACHADOS: GARRINCHA, DIDI, MAZOLA, PELÉ E ZAGALO. A PONTA AGORA TINHA SEU DONO

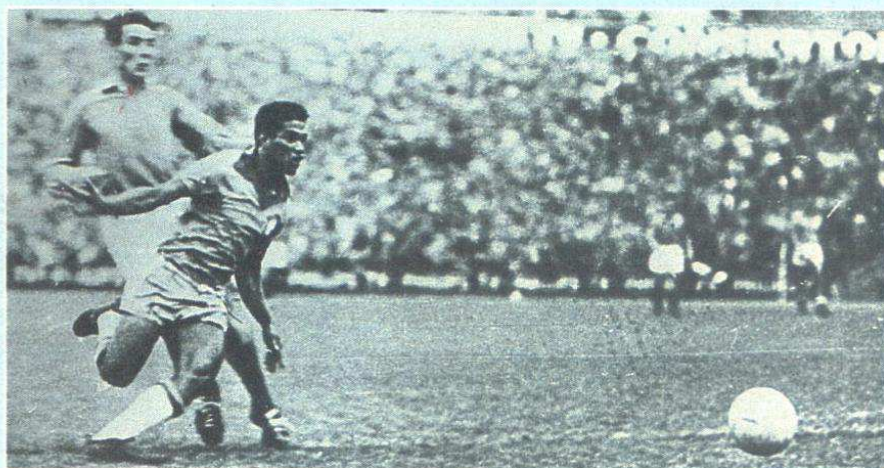
contra a trave do grande Yashin. Dois minutos de jogo. Garrincha está novamente com a bola. Os soviéticos vão ficando estendidos no chão, um a um, enquanto o ponta brasileiro corre em ziguezague. Didi lança Vavá. Gol do Brasil. Três minutos. A comedida torcida sueca delira. "Foram os três minutos mais fantásticos da história do futebol e a mais assombrosa aparição na ponta-direita desde Stanley Mathews", escreveu, deslumbrado, o cronista francês Gabriel Hannot.

Podia ter acrescentado que ali nascia uma lenda, que se tornaria imortal em 1962. Ironicamente, porém, aquele que seria o maior ponta-direita de todos os tempos não teria jogado na Copa de 58 se o time brasileiro tivesse acertado nas suas duas primeiras partidas, contra Áustria (3 x 0) e Inglaterra (0 x 0). Durante os meses de preparação para o Mundial, Garrincha disputou a vaga com o rubro-negro Joel, que contava então com a preferência da comissão técnica. Numa partida preparatória contra a Fiorentina, onze dias antes da estréia do time na Suécia, Mané perdeu — definitivamente, parecia — a posição para o ponta do Flamengo.

A Seleção ganhava de 3 x 0 da vice-campeã italiana quando Garrincha recebeu um passe de Dino Sani e parou a bola, marcado de perto por Segato. Driblou-o para a direita, como sempre, e ficou cara a cara com o goleiro. Passou por ele também sem dificuldades. Apesar de estar com o gol à sua disposição, Mané não chutou. Preferiu esperar pelo zagueiro Robotti, que corria desesperado para a cobertura. Com uma sutil e diabólica ginga de corpo, o brasileiro livrou-se do beque italiano, que, sem conseguir frear, trombou contra a trave e se enroscou nas redes. Só então Garrincha empurrou a bola, mansamente, para o gol.

Enquanto a torcida aplaudia freneticamente a jogada, a comissão técnica da Seleção fechava a cara. Um jogador que preferia esperar a recuperação de um zagueiro para driblá-lo a fazer logo o gol não podia ser considerado confiável para disputar uma Copa do Mundo. Melhor seria ter Joel na ponta-direita, um atacante sóbrio, responsável, que atuava para a equipe, sem individualismo excessivo. Além de fazer jogadas assim — "irresponsáveis", na opinião da comissão técnica —, Mané mostrava um rendimento baixíssimo nos testes psicotécnicos promovidos pelo psicólogo da Seleção, professor João Carvalhaes. Em 123 pontos possíveis, conseguiu somente 38, resultado que o colocava quase na condição de débil mental, inapto até mesmo para dirigir um ônibus.

As brincadeiras de Garrincha na concentração brasileira também não o ajudavam em nada. Passava dias inteiros prendendo e liberando Paulo Machado de Carvalho, o chefe da delegação. "Teje preso", dizia o jogador, segurando-o pelo braço. "Teje solto", falava em seguida, soltando-o. Para a comissão técnica, esse tipo de brincadeira infantil demonstrava a imaturidade de Mané. Suas fugidas atrás de mulheres eram outra agravante.

Por causa dessas coisas, Garrincha acabou ficando de fora das duas primeiras partidas do Brasil na Copa. Somente contra a União Soviética foi que vestiu a camisa titular (a 11, que

ABRIL

OS FRANCESES RECONHECERAM: ERA IMARCÁVEL. O LATERAL LEROND NÃO VIU A BOLA DURANTE TODO O JOGO

REPRODUÇÃO A GAZETA ESPORTIVA

BOMBA NA TRAVE DE YASHIN, A UM MINUTO DE JOGO: FOI ASSIM QUE COMEÇOU A NASCER UM MITO MAIOR DO FUTEBOL

correspondia ao seu número de inscrição na FIFA), depois que Nílton Santos, Didi e Bellini pressionaram os dirigentes a lhe dar uma chance. Talvez, na verdade, fosse mais exato dizer: depois que conseguiram convencer a comissão técnica a dar uma chance ao Brasil de ganhar o título escalando Mané.

A imprensa italiana, ainda deslumbrada com o que vira no jogo contra a Fiorentina, dizia, estupefata, que a Seleção Brasileira se dava ao luxo de ter o maior reserva do mundo.

Depois da partida com os soviéticos, que o Brasil venceu por 2 x 0 (gols de Vavá), os jornais ingleses também demonstraram seu espanto, confusos com a explicação de que Garrincha não era titular por ter problemas psicológicos e de inteligência. Um cronista esportivo de Londres chegou a comentar: "Se ele é considerado meio burro, não posso fazer a menor idéia do que, para os brasileiros, é ser inteligente". A lenda tinha início, e só fez crescer nas partidas seguintes, contra País de Gales, França e Suécia, na final. Bastava Garrincha pegar na bola para se instalar o pânico nas defesas contrárias. "No segundo tempo, decidimos recuar para ajudar a defesa. Hoje sei que sonhamos o impossível: marcar jogadores imarcáveis", lembrou anos depois o grande líder da Seleção Francesa, Raymond Kopa. A França, a França do melhor ataque daquela Copa, recuou como se fosse um timinho qualquer, mas sem conseguir, ainda assim, evitar a goleada brasileira de 5 x 2.

Muitas vezes, Garrincha deixava enlouquecidos até mesmo seus companheiros de equipe. Driblava um, dois, três adversários, e parava, esperando que se recuperassem para dar outro show. "Passa, Mané. Olha o Pelé livre", gritava Zito. O ponta não estava nem aí. E, no vestiário, ainda reclamava. "A gente podia ter enfiado mais gols, se me dessem mais bolas. Ficam amarrando o jogo, pô", queixava-se. Disputar Copa do Mundo para ele era a mesma coisa que jogar peladas em Pau Grande. Não sabia o nome do próximo time que enfrentaria, muito menos dos seus marcadores.

Dos 241 jogadores que estiveram em campo naquele Mundial, talvez tenha sido o único a não se abalar em momento algum. Enquanto dormia placidamente às vésperas da final, por exemplo, na concentração sueca a noite foi de terríveis pesadelos. "Estávamos em pânico pensando no que Garrincha poderia fazer. Conseguimos marcar todos os brasileiros, menos ele. Não existia marcador no mundo capaz de neutralizá-lo", confessou Nils Liedholm, armador da Suécia em 1958 e técnico do Verona, da Itália, na temporada de 1991/92. O time sueco ganhava de 1 x 0 quando Mané recebeu a bola na entrada da área. Estancou na frente do lateral Gustavsson, que também parou. Por segundos, ficaram os dois imóveis. A torcida, de respiração suspensa, aguardava o desfecho do lance. Vavá também parou. "Para jogar com Garrincha, era preciso entender suas gingas e dribles", lembrou mais tarde o centroavante brasileiro. Então, Mané gingou para a esquerda e passou pela direita. Driblou mais um adversário, foi à linha de fundo e cruzou rasteiro para a pequena área. "A bola veio na medida. Só tive o trabalho de escorar", completou Vavá. Eram nove minutos de jogo. Aos 32, Garrincha repete a jogada. Como se fosse um vídeo-tape. Vavá marca o segundo gol brasileiro. Estava aberto o caminho para a conquista do primeiro título mundial. O futebol tinha novos reis e a ponta-direita, um mito como nunca houve.

VITÓRIA DO TALENTO

No começo, era acusado de fominha. Depois, virou o maior ponta que já vestiu a camisa do Brasil

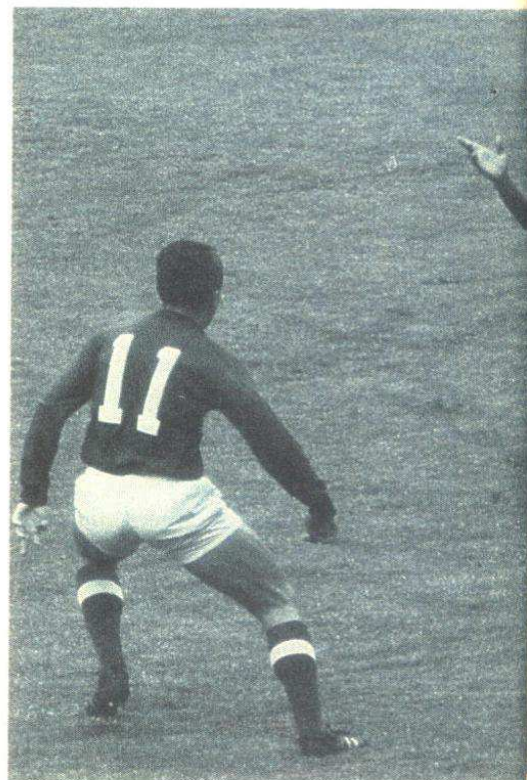
A genialidade de Garrincha demorou cinco anos para ser definitivamente reconhecida mesmo no Brasil. Até a Copa da Suécia, ele só havia feito oito partidas oficiais pela Seleção. Sua estréia foi em 1955, num jogo contra o Chile, formando um ataque com o falecido Válter Marciano, Evaristo, Didi e Escurinho. Somente dois anos depois voltaria a ser convocado, para disputar o Campeonato Sul-Americano de Lima. Neste intervalo, foram chamados a vestir a 7 do Brasil jogadores como Maurinho, Sabará, Nestor, Paulinho, Canário, Calazans, Cláudio e Joel — todos, sem dúvida, ótimos ponteiros, porém nenhum que possuísse sua fantástica habilidade e seu poderoso arranque em direção à linha de fundo.

AG. FOLHAS

Da estréia contra o Chile, em 1955 *(acima, ao lado de Válter Marciano, Evaristo, Didi e Escurinho)*, ao último jogo, contra a Hungria, pela Copa de 66: em 60 jogos, um invejável currículo de 52 vitórias contra apenas uma derrota sofrida em onze anos

A primeira explicação para isso é que o Botafogo atravessou um período negro de 1953, ano de sua estréia no time, a 1957, quando o clube voltou a ser campeão carioca depois de nove anos de jejum. Embora nesse período Garrincha fizesse a fama de muitos atacantes alvinegros com seus passes açucarados, ele próprio acabava ofuscado pela mediocridade ao redor. Uma segunda explicação é que seu estilo não agradava aos senhores do futebol da época. "É fominha, individualista, peladeiro", criticavam. Foi Osvaldo Brandão quem o convocou para o Sul-Americano de Lima, em 1957. Mané jogou apenas contra Equador e Colômbia, mas entrando sempre no segundo tempo e na ponta-esquerda, substituindo Pepe. E foi ainda como ponta-esquerda que participou das duas partidas das Eliminatórias contra o Peru, jogos que garantiram a vaga do Brasil na Copa do ano seguinte.

Com a explosão de seu extraordinário talento nos campos suecos, finalmente passou a ser personagem freqüente nas escalações da Seleção, embora durante o ano de 1959 ainda cedesse seu lugar eventualmente para o santista Dorval ou o palmeirense Julinho. Sua última partida com a camisa canarinho foi contra a Hungria, em sua terceira Copa, em 1966. Este jogo marcou também a única derrota que sofreu com o uniforme brasileiro *(veja quadro)*. Mas, aí, Mané não tinha mais o mesmo brilho dos Mundiais anteriores e não pôde salvar uma equipe envelhecida e desorganiza-

da, dentro e fora de campo, daquilo que passou para a história como "o naufrágio de Liverpool".

Garrincha estava então gordo, fora de forma técnica e sentindo os antigos problemas no joelho, os mesmos que o tiraram do time do Botafogo e da Seleção de 1963 a 1965. No meio da balbúrdia que foi a convocação e a preparação do time para o Mundial da Inglaterra, a comissão técnica, em pânico, acreditava que ele pudesse fazer novo milagre. Inútil. Na estréia do Brasil em Liverpool, contra a Bulgária, chegou a marcar um gol de falta (o último pela Seleção), na vitória de 2 x 0, e fez um ou outro lance em que chegou a lembrar os velhos tempos. Mas era muito pouco para o muito que o Brasil necessitava.

Ao todo, entre jogos oficiais e não-oficiais, Mané disputou sessenta partidas com a camisa canarinho, marcando dezessete gols. Na leitura fria dos números, pode parecer pouco. No entanto, a emoção e a alegria que espalhou pelos estádios do mundo é imensurável. Assim como também não há metro capaz de medir com exatidão o que ele representou para a conquista de duas Copas, com seu futebol de dribles chaplinianos e arrancadas diabólicas, que invariavelmente terminavam em passes perfeitos para o artilheiro de plantão.

AG. JB

ACIMA DE TUDO, UM VENCEDOR

DATA	ADVERSÁRIO	RESULTADO	LOCAL	COMPETIÇÃO	GOLS
18/9/55	Chile	1 x 1	Maracanã	Taça B. O'Higgins	—
21/3/57	Equador	7 x 1	Lima	Sul-Americano	—
23/3/57	Colômbia	9 x 0	Lima	Sul-Americano	—
13/4/57	Peru	1 x 1	Lima	Eliminatórias	—
21/4/57	Peru	1 x 0	Maracanã	Eliminatórias	—
11/6/57	Portugal	2 x 1	Maracanã	Amistoso	—
16/6/57	Portugal	3 x 0	Pacaembu	Amistoso	—
18/5/58	Bulgária	3 x 1	Pacaembu	Amistoso	—
21/5/58	Corinthians	5 x 0	Pacaembu	Amistoso	2
29/5/58	Fiorentina	4 x 0	Florença	Amistoso	1
15/6/58	URSS	2 x 0	Gotemburgo	Copa do Mundo	—
19/6/58	País de Gales	1 x 0	Gotemburgo	Copa do Mundo	—
24/6/58	França	5 x 2	Estocolmo	Copa do Mundo	—
29/6/58	Suécia	5 x 2	Estocolmo	Copa do Mundo	—
21/3/59	Bolívia	4 x 2	Buenos Aires	Sul-Americano	—
26/3/59	Uruguai	3 x 1	Buenos Aires	Sul-Americano	—
29/3/59	Paraguai	4 x 1	Buenos Aires	Sul-Americano	—
4/4/59	Argentina	1 x 1	Buenos Aires	Sul-Americano	—
29/4/60	Egito	5 x 0	Cairo	Amistoso	1
1.º/5/60	Egito	3 x 1	Alexandria	Amistoso	—
6/5/60	Egito	3 x 0	Cairo	Amistoso	1
8/5/60	Malmoe	7 x 1	Malmoe	Amistoso	—
10/5/60	Dinamarca	4 x 3	Copenhague	Amistoso	—
12/5/60	Internazionale	2 x 2	Milão	Amistoso	—
16/5/60	Sporting	4 x 0	Lisboa	Amistoso	1
29/6/60	Chile	4 x 0	Maracanã	Amistoso	—
30/4/61	Paraguai	2 x 0	Assunção	Taça Oswaldo Cruz	—
3/5/61	Paraguai	3 x 2	Assunção	Taça Oswaldo Cruz	—
7/5/61	Chile	2 x 1	Santiago	Taça B. O'Higgins	1
11/5/61	Chile	1 x 0	Santiago	Taça B. O'Higgins	—
21/4/62	Paraguai	6 x 0	Maracanã	Taça Oswaldo Cruz	1
24/4/62	Paraguai	4 x 0	Morumbi	Taça Oswaldo Cruz	—
6/5/62	Portugal	2 x 1	Morumbi	Amistoso	—
9/5/62	Portugal	1 x 0	Maracanã	Amistoso	—
12/5/62	País de Gales	3 x 1	Maracanã	Amistoso	1
16/5/62	País de Gales	3 x 1	Morumbi	Amistoso	—
30/5/62	México	2 x 0	Viña del Mar	Copa do Mundo	—
2/6/62	Tcheco-Eslováquia	0 x 0	Viña del Mar	Copa do Mundo	—
6/6/62	Espanha	2 x 1	Viña del Mar	Copa do Mundo	—
10/6/62	Inglaterra	3 x 1	Viña del Mar	Copa do Mundo	2
13/6/62	Chile	4 x 2	Santiago	Copa do Mundo	2
17/6/62	Tcheco-Eslováquia	3 x 1	Santiago	Copa do Mundo	—
2/6/65	Bélgica	5 x 0	Maracanã	Amistoso	—
6/6/65	Alemanha	2 x 0	Maracanã	Amistoso	—
9/6/65	Argentina	0 x 0	Maracanã	Amistoso	—
17/6/65	Argélia	3 x 0	Oran	Amistoso	—
24/6/65	Portugal	0 x 0	Porto	Amistoso	—
4/7/65	URSS	3 x 0	Moscou	Amistoso	—
1.º/5/66	Seleção Gaúcha	2 x 0	Maracanã	Amistoso	—
14/5/66	País de Gales	3 x 1	Maracanã	Amistoso	1
19/5/66	Chile	1 x 0	Maracanã	Amistoso	—
4/6/66	Peru	4 x 0	Morumbi	Amistoso	—
8/6/66	Polônia	2 x 1	Maracanã	Amistoso	1
21/6/66	Atlético Madrid	5 x 0	Madri	Amistoso	—
27/6/66	Atvidaberg	8 x 2	Suécia	Amistoso	—
30/6/66	Suécia	3 x 2	Gotemburgo	Amistoso	—
4/7/66	A.I.K.	4 x 2	Estocolmo	Amistoso	1
6/7/66	Malmoe	3 x 1	Malmoe	Amistoso	—
12/7/66	Bulgária	2 x 0	Liverpool	Copa do Mundo	1
15/7/66	Hungria	1 x 3	Liverpool	Copa do Mundo	—

Jogos: 60 Vitórias: 52 Empates: 7 Derrotas: 1 Gols: 17

A natureza e moradias muito bem construídas eram tudo o que precisava. Um paraíso que aprendeu a amar

As ruas tranqüilas de Pau Grande: refúgio até na morte

PAU GRANDE

Amores, Dribles, Liberdade

Banhos de rio, bolas de sonho. Assim cresceu o menino Manoel, livre para namorar e caçar garrinchas

Por PAULO VINICIUS COELHO

Não havia lugar melhor para um menino crescer. A vila pequena não tinha mais do que 100 casas espalhadas por cerca de 5 quilômetros e cercadas de rios e florestas. A pobreza do lugar era disfarçada pelas habitações simples, mas muito bem construídas, e por um calor humano inexistente nas cidades. Em Pau

FOTOS RICARDO CORRÊA

Rua Cruzeiro, 11-A: o primeiro abrigo do craque

A casa onde cresceu: palco de broncas por causa da bola

A Igreja Santana: abençoando o campo em que ele começou

O calor humano do pequeno povoado forjou a personalidade do garoto. O clima interiorano o fez simples. O futebol pelas ruas tornou-o um gênio

PAU GRANDE

Grande, o sexto distrito do município fluminense de Magé, todos se conheciam e desfrutavam juntos de caçadas, pescarias e das peladas diárias.

Garrincha nasceu nesse ambiente, na Rua do Chiqueiro — atual Cruzeiro —, uma cocheira que abrigava boa parte dos animais da região. Ali mesmo, logo nos primeiros anos de vida, elegeu aquela que seria sua melhor amiga pelo resto de seus anos: a própria Pau Grande, que lhe oferecia tudo o que uma criança precisava. O lugar o batizou apenas Manoel, livre até mesmo do vínculo com o sobrenome da família de quinze irmãos, graças a um antigo costume do Cartório de Magé de registrar as crianças só com seu primeiro nome. Na intimidade do lugar virou Mané, para se divertir pelos quatro cantos e crescer com a liberdade que mostraria depois pelos campos do mundo.

Pau Grande lhe dava tudo e não cobrava nada em troca. Por isso o menino amava o lugar. Sua única necessidade era fazer as próprias bolas, enrolando jornais em barbantes ou jogando simplesmente com meias. Mas o que para as outras crianças podia significar um triste sinal de pobreza para ele era um imenso prazer. Principalmente quando colocava a bola no chão das ruas de terra de Pau Grande para disputar suas primeiras peladas.

A fábrica lhe deu uma casa. A número 7

O futebol, no entanto, não era sua única paixão. Embrenhava-se por montanhas cobertas por árvores imensas e de fauna riquíssima. As matas de Pau Grande eram suas cúmplices a escondê-lo nas caçadas a passarinhos de todos os tipos e, em especial, às cambaxirras. O fascínio por esse tipo de pássaro, também chamado de Garrincha, lhe valeu o apelido dado pela irmã Rosa, com o qual se tornaria uma lenda no futebol mundial. Mas não poupava também sabiás, tuiutis, saúras... Toda a floresta estava ameaçada por Mané e seus amigos inseparáveis, Pincel, Suingue e Malvino. Algumas espécies eram caçadas com espingarda. Viravam farofa. Outras, apenas capturadas e presas em gaiolas feitas caprichosamente pelo próprio Mané na casa da Rua Mavilis, para onde se mudou pouco após seu nascimento. "Ele criava passarinhos para atrair novas presas", lembra o irmão Cícero, hoje com 60 anos.

Gambás, pacas e cotias não estavam igualmente a salvo. Eram caçados com laços que serviam para enforcá-los. Além disso, pescavam peixes "com bomba", como diziam. "Esperávamos um peixe passar embaixo de

Garrincha foi registrado apenas como Manoel, no dia 18 de outubro de 1933. Era um costume do Cartório do 6.º Distrito de Magé, que eliminou o sobrenome "dos Santos", usado por sua família. Sem ninguém se dar conta, jogou duas Copas do Mundo só com esse nome oficial, embora até assinasse Manoel Francisco dos Santos. O erro foi corrigido parcialmente em 20 de setembro de 1963, conforme a retificação ao lado da certidão. Mas, aí, passou a se chamar apenas Manoel dos Santos. Para o mundo, porém, sempre foi Mané. Mané Garrincha

REGISTRO DE EMPREGADOS

Firma Companhia América Fabril — Fábrica Pau Grande

Nome: Manoel dos Santos

Filiação: Pai: Amaro Francisco dos Santos — Mãe: Maria Carolina dos Santos

Idade: 14

Estado Civil: Solteiro — Instrução: Primaria — Nacionalidade: Brasileiro

Data do nascimento: 28 de Outubro de 1933

Lugar do nascimento: Pau Grande - Estado do Rio

Data da admissão: 19 11 947

Categoria e ocupação habitual: Aprendiz-tirador — Salário: Cr$ 0,81 por hora

Data: 19 / 11 / 47

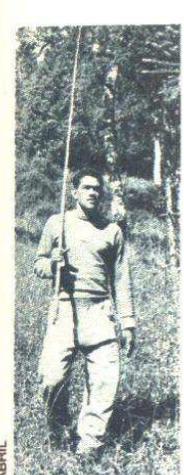
Aos 14 anos, o primeiro registro como funcionário da América Fabril. Da fábrica em que trabalhou só resta a chaminé, hoje pertencente a uma indústria de refrigerantes

RICARDO CORRÊA

Um erro no Cartório de Magé eliminou seu sobrenome. Na certidão de nascimento ficou só Manoel

uma pedra e atirávamos outra sobre ela para matá-lo", lembra o amigo Malvino, hoje zelador da Igreja Santana. Pau Grande não o reprimia. Sua única obrigação durante o dia era amarrar as cabras e cabritos do pai antes de sair de casa, pela manhã, e desamarrá-los mais tarde. Mané, no entanto, só voltava para casa à noite e os animais ficavam expostos ao sol e à chuva. O irmão Cícero chegava pouco mais cedo e era o primeiro — na maioria das vezes o único — a receber as broncas paternas.

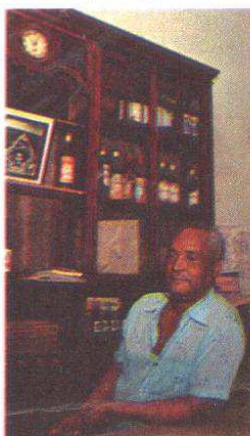
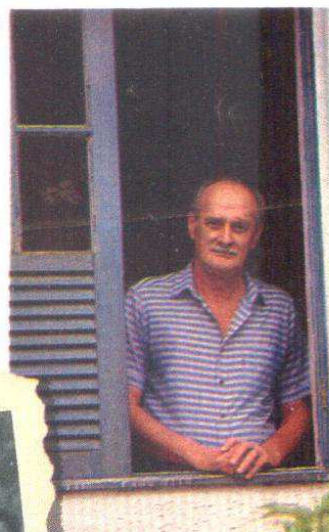
Por mais que o tempo tentasse, não conseguia tirar de Mané seu jeito simples e o desejo de liberdade. Aos 14 anos, Garrincha foi chamado a trabalhar na companhia de tecidos América Fabril, como acontecia com todos os garotos que atingiam essa idade em Pau Grande. A empresa era controlada pelos rígidos padrões ingleses, que praticamente administravam o distrito, oferecendo toda a infra-estrutura para a manutenção das casas modestas, mas aconchegantes, e que transformaram Pau Grande, a partir de sua chegada no final do século XIX, no primeiro condomínio fechado do país — havia até portaria na entrada. Mas mesmo os rígidos ingleses tiveram que se habituar às diabruras de Mané. Era comum que o rapazola perdesse a hora por estar dormindo e partisse mais tarde por um caminho secreto atrás de sua casa, que o colocava diretamente na fiação, a seção em que trabalhava.

ABRIL

Outra paixão: pescar nos rios

Ao chegar, já encontrava Malvino e iniciava uma série incrível de brincadeiras. Batucavam, se enfiavam no meio do algodão, mexiam com as meninas. Só paravam quando percebiam a presença de algum chefe se aproximando. "Ninguém nos agüentava", conta Malvino. Tanto aprontavam que, às vezes, os ingleses perdiam a paciência. Certa vez suspenderam a dupla por três dias. Pau Grande mantinha com Mané tal cumplicidade, porém, que até lhe ensinou a maneira de cativar os ingleses. Em um pequeno platô atrás da casa em que nasceu e onde disputava as peladas da adolescência — a Barreira —, Garrincha cresceu, ensaiando sozinho, e sem nem sequer uma bola, os dribles que desconcertariam os adversários pelo mundo afora. O espaço era mínimo e qualquer descuido provocaria sua queda em um imenso barranco. Os dribles

Com os amigos: Pau Grande era a sua família

REPRODUÇÃO ABRIL

Dódi: em seu bar, festas e lembranças do ponta

Malvino: o último amigo das travessuras

Roberto Leite: choro lembrando o craque

FOTOS RICARDO CORRÊA

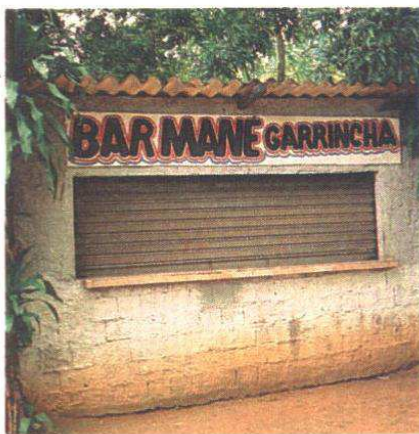
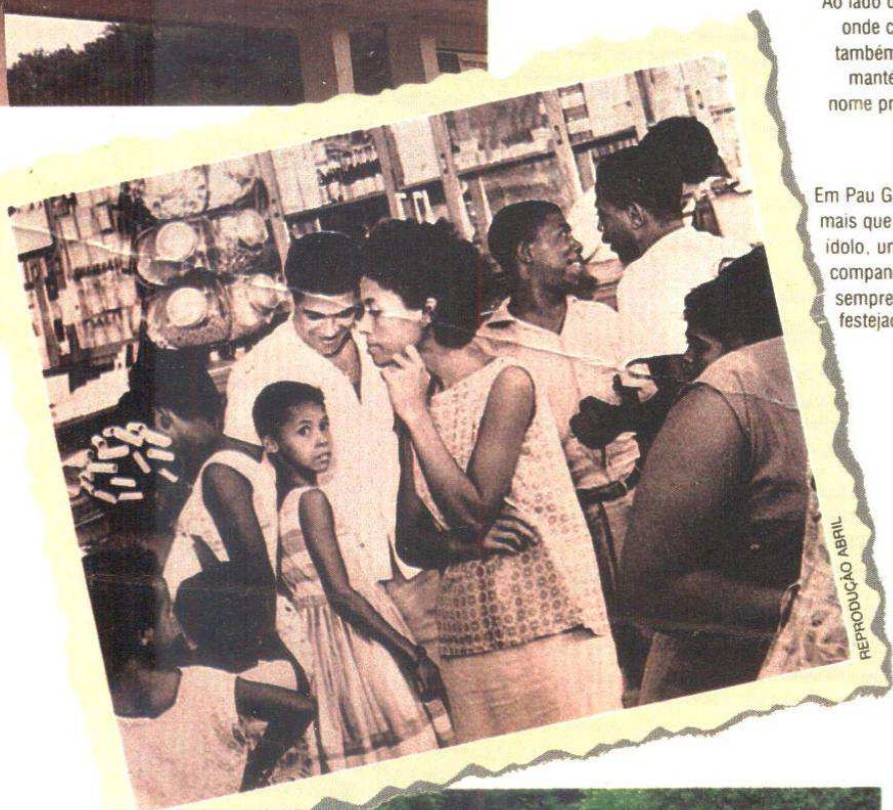
Mané, Pincel e Suingue, amizade por toda a vida

WALTER FIRMO/AG. JB

Aniquilou o Flamengo na final de 62, mas ninguém o viu na festa. Já comemorava em Pau Grande

PAU GRANDE

O campo em que começou traz hoje o seu nome

FOTOS RICARDO CORRÊA

Ao lado da casa onde cresceu também o bar mantém seu nome presente

Em Pau Grande, mais que um ídolo, um companheiro sempre festejado

REPRODUÇÃO ABRIL

A Prefeitura de Magé lembrou-se de Mané para batizar uma escola

Até na morte Garrincha mostrou amor pelo lugar: pediu para ser enterrado ali

se desenvolveram e acabaram por encantar os ingleses, que o levaram para jogar no time da fábrica, o Sport Club Pau Grande.

A entrada no time proporcionou-lhe algumas facilidades no trabalho. Mané foi transferido para a Sala do Pano e seu chefe passou a ser Jorge Manoel de Barros, conhecido pelos torcedores como Jorge Marcelo, seu companheiro de time. Saía mais cedo às quintas-feiras para treinar e ganhou outros privilégios, como continuar brincando mesmo na presença dos chefes. A única condição era mostrar em campo a liberdade e a inquietação que possuía desde o início da infância.

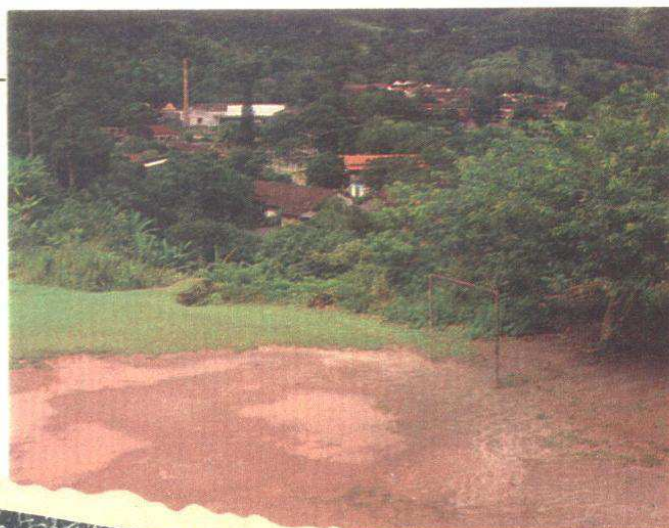
Seu corpo, porém, já encontrara outra satisfação além do futebol e das caçadas. Seus olhos procuravam por belos corpos femininos com a mesma intensidade com que seus pés acariciavam a bola. As namoradas surgiram em profusão. Não se restringiam a Nair, a namorada com quem se casou em 1952, aos 19 anos, e com quem teve oito filhas. Havia Iraci, também namorada de infância, tão apaixonada quanto a primeira, que se tornou amante e mãe de um casal de filhos. "Ele deixava claro que ia atrás de outras namoradas quando estávamos juntos", afirma Iraci.

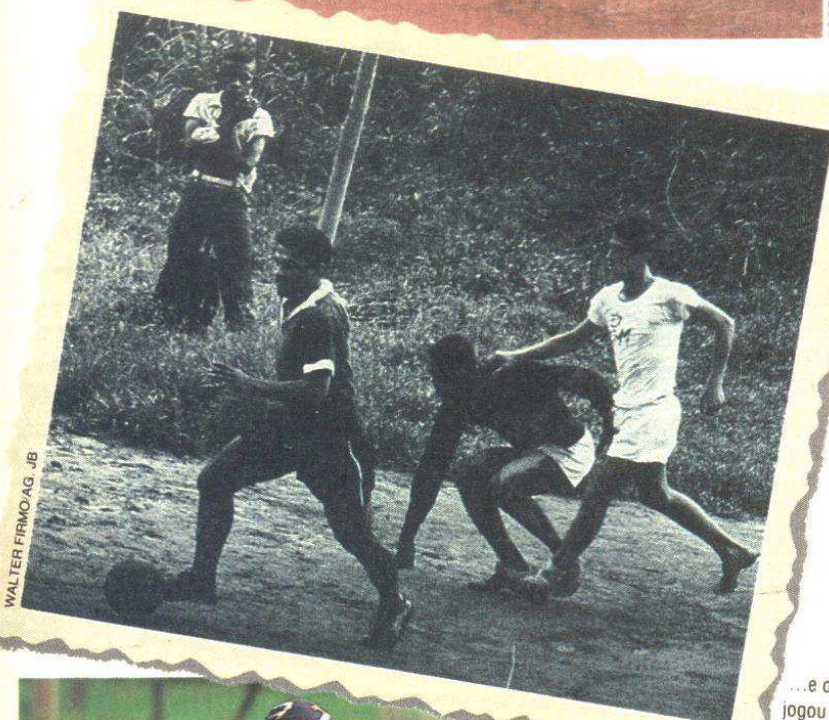
ABRIL

Com a espingarda, o prazer de caçar

O lugar preferido para procurá-las eram os bailes na sede do S.C. Pau Grande ou na Associação, em Piabetá, primeiro distrito de Magé. Enfrentava até as broncas do técnico Carlos Pinto, que ia buscá-lo a laço nas festas acompanhado do presidente do Pau Grande, Roberto Leite. Mostrava nessas ocasiões a mesma rebeldia dos seus tempos de menino, quando fugia das broncas do pai, seu Amaro, refugiando-se no campo da Barreira. "Futebol não dá futuro", disparava impiedoso seu Amaro.

Mané jamais deu atenção ao pai e ainda tentava influenciar os colegas de aventuras pelas matas a tentarem também a sorte com a bola. Pincel, Suingue e Malvino, no entanto, eram refratários ao futebol e só demonstravam intimidade com a natureza e com os goles de cachaça na companhia de Garrincha, no Bar do Dódi, o ponto de encontro do quarteto desde o começo da adolescência e que ainda existe hoje na mesma Rua Cruzeiro. Malvino até que foi uma de

A Barreira, o terreno em que exercitou seus dribles...

FOTOS RICARDO CORRÊA

WALTER FIRMO/AG. JB

...e onde jogou mesmo depois de consagrado

Peladas das crianças na Rua Cruzeiro: herança deixada pelo jogador

No pequeno platô na frente de casa, disputava peladas com bolas e joões imaginários

suas vítimas como goleiro. Mané o levava ao campo e apostava que faria gols em chutes disparados do meio-campo. Marcava e passava o resto do dia gozando o amigo. Pincel, desajeitado com a bola nos pés — Garrincha lhe deu esse apelido por ser desengonçado —, era presa fácil de seus dribles e também agüentava as gozações.

Mané, se não conseguiu influenciá-los, recebeu provas de que Pau Grande, de fato, o amava. Uma geração inteira de pau-grandenses passou a torcer pelo Botafogo só por sua causa. "Cheguei a torcer contra meu Vasco", conta o ex-presidente do Pau Grande, Roberto Leite. Na final do Campeonato Carioca de 1962, por exemplo, uma multidão deixou o distrito e foi ao Maracanã vibrar por Mané. Depois do jogo, desceram aos vestiários para procurá-lo. Garrincha, no entanto, já estava em Pau Grande, na companhia dos velhos amigos, bebendo a conhecida batida de limão — então a sua bebida preferida — no Bar do Dódi. Garrincha amava Pau Grande e Pau Grande ainda o ama e se lembra dele com um imenso carinho. Há várias provas disso. Um busto esculpido em sua homenagem na praça central do lugar — havia também uma escultura desenhada em uma árvore, mas que acabou comida por cupins. Uma escola inaugurada há dois anos, o antigo estádio do S.C. Pau Grande e um bar, ao lado da casa da Rua Mavilis, em que cresceu, têm o seu nome. A fala emocionada do ex-presidente do Pau Grande, Roberto Leite, que chora a cada vez que se lembra do nome de Mané. Ou ainda os posters do craque espalhados por todos os lados para onde se olha no Bar do Dódi e a casa da Rua Demóclito Seabra, número 7, dada de presente pela América Fabril após a Copa de 1958 e na qual mora sua segunda filha, Edenir.

Na praça, um busto para lembrá-lo

Em troca, Garrincha também deixou sua prova de amor com raízes muito profundas no lugar. Entre elas, cinco filhas que ainda moram lá — Teresa, Edenir, Denízia, Juraciara e Marinete. Outro laço mais forte e definitivo que o jogador deixou foram seus restos mortais, depositados a seu pedido no cemitério de Pau Grande. Sinal claro de que, ao contrário de outros craques — como o próprio Pelé, que abandonou a cidade de Bauru, em que cresceu —, Garrincha jamais esqueceu a terra que o viu nascer e o soltou livre pelo mundo como o passarinho que lhe deu o nome.

SPORT CLUB PAU GRANDE

A primeira glória em preto

e branco

Torcedores de toda a região se acotovelavam em busca dos melhores lugares para ver bem perto um time que ganhava de quanto queria e conhecer seu ponta, um tal de Garrincha

Por PAULO VINICIUS COELHO

Em 1952, seu primeiro grande time: Nonô, Duca, Batista, Jorge Marcelo, José Pires e Silvio *(em pé)*; Garrincha, Vu, Diquinho, Arlindo e Hélio França. O titular João foi substituído por Batista

Superlotados, os ônibus chegavam todos os domingos e desembarcavam em frente ao estádio de Pau Grande. Todos sabiam que aquele time de camisas listradas em preto e branco não era comum, e queriam vê-lo em ação. Tinha um grupo de garotos em torno dos 20 anos de um talento inquestionável com a bola nos pés e, acima de tudo, um ponta-direita mirrado e de pernas tortas que criava a maioria das jogadas e encantava até os torcedores adversários: Garrincha.

O clube era o Sport Club Pau Grande (atual Esporte Clube), cujo campo — hoje Estádio Mané Garrincha — não tinha sequer um muro e obrigava as centenas de espectadores a se acotovelarem em busca dos melhores ângulos para acompanhar aquela equipe fantástica. Garrincha, no entanto, só entrou no time em 1951. Antes disso, o menino mirrado mostrava seu talento como meia-direita dos juvenis. Mas até quem o via jogando nessa época não tinha dúvidas: era craque. A certeza geral provocou durante muito tempo uma imensa insegurança no técnico Carlos Pinto, que não o colocava na equipe principal temendo expor o garoto aos fortes adversários da região, que levava até profissionais para tentar ganhar do alvinegro de Pau Grande.

Enquanto o treinador não tomou uma decisão, Garrincha emprestou sua categoria, além dos juvenis, aos também amadores Serrano — onde jogou entre 1951 e 1952 — e Cruzeiro — em que atuou no segundo semestre de 1952 —, ambos da vizinha Petrópolis. Jogava de manhã por essas equipes e saía correndo para Pau Grande, onde, à tarde, entrava em campo novamente para atordoar os adversários. Tudo por amor à bola.

Nessa época, ainda como meia-direita, era o terror apenas dos cabeças-de-área. Até que o técnico Carlos Pinto se rendeu às evidências de que tinha nas mãos um dos maiores jogadores do futebol amador do Rio de Janeiro e resolveu convocar uma reunião com o elenco para saber se o menino podia subir à equipe principal. A resposta foi unânime e expressada na voz do meia-esquerda Arlindo. "Ele tem

que jogar." Mesmo assim, o técnico não aceitava escalá-lo na meia, onde tinha o voluntarioso Vu trabalhando taticamente em auxílio à defesa. "Se quiser, joga na ponta." Estava tomada, por puro acaso, uma das decisões mais acertadas da história do futebol. A partir daí, cada apaixonado por futebol na região de Petrópolis tinha, na ponta da língua, a escalação daquela equipe fabulosa: Duca, João Berruga e Nonô; Jorge Marcelo, José Pires e Sílvio; Garrincha, Vu, Diquinho, Arlindo e Hélio França.

O primeiro a sofrer com Mané na nova posição foi o lateral-esquerdo reserva Atinha. Inconformado por encontrar um ponta que não lhe permitia um bom rendimento nos treinos — em conseqüência, não tinha a menor chance de ser titular —, partia para a violência. Não sabia que a agilidade do garoto tinha artifícios também para fugir dos marcadores desleais. Certa vez, Atinha tentou parar no peito e na marra uma arrancada de Mané, mas o drible perfeito desnorteou o lateral, que se espatifou do lado de fora do gramado. Como saldo da deslealdade, teve uma perna quebrada.

"Garrincha não jogou pelo Botafogo metade do que mostrou aqui", garante o ex-presidente do Pau Grande Roberto Leite. Os adversários sabiam disso, mas, às vezes, não aceitavam bem sua superioridade. Em um jogo contra o Riachuelo, no campo do adversário, Mané saiu da ponta-direita como raramente fazia e, driblando para o lado de dentro, arrastou toda a defesa. De repente, largou a bola e continuou correndo. Os zagueiros, sem perceber o truque, foram parar direto no alambrado, enquanto Garrincha voltava para apanhar a bola. A torcida, no entanto, não deixou barato e deu início a uma briga extraordinária.

"O Pau Grande fazia gols quando Garrincha queria", conta o meia-esquerda Arlindo, o maior ídolo da torcida por ser o artilheiro da equipe. "Fazia um sinal e sabíamos exatamente aonde a bola ia chegar para a conclusão", completa o ex-centroavante Diquinho. Por Garrincha, porém, todos teriam o mesmo destino glorioso que o seu. O meia Vu, devido a seu estilo defensivo, raramente marcava. Por isso, quando as goleadas aconteciam, Garrincha pegava a bola, driblava toda a defesa e chamava o companheiro para colocá-lo na frente do gol. "Vem Vu, vem Vu, fazer o seu." Aí, bastava a conclusão.

A fama do time fez com que o Departamento Autônomo — responsável pelo futebol amador do Rio de Janeiro na época — programasse jogos com o Pau Grande para as equipes que quisessem disputar seus campeonatos oficiais. Um empate era suficiente para assegurar a inscrição. O Pau Grande, enquanto isso, não participava do Departamento Autônomo só por não ter um estádio em condições. Além disso, times até da Primeira Divisão, como o Bonsucesso, programavam amistosos contra a equipe de Garrincha.

Na região de Petrópolis, ninguém mais suportava aquela equipe. Em um jogo contra o Serrano, em Petrópolis, a torcida, despeitada por ter deixado escapar o juvenil mais promissor que passou pela equipe, começou a provocá-lo, enquanto o marcador mostrava 1 x 0 para a equipe da casa. "Onde está o tal de Garrincha?", gritavam os torcedores. Mané voltou até a defesa, pediu a bola ao goleiro Duca e disparou pela faixa central do campo, lembrando os tempos de meia-direita. Driblou o centroavante, passou pelo meia-esquerda, caminhou pelo meio-campo, tirou o médio-volante da jogada, passou por um zagueiro e se deu ao luxo de dar um drible no goleiro, antes de empatar o jogo. Depois comandou a goleada de 7 x 1.

Até profissionais se surpreendiam ao perceber que o ponta-direita de pernas tortas não era uma lenda. Em 1952, o lateral-direito Arati, do Botafogo, chegou para jogar pelo União dos Bancários de Coelho Neto contra o Pau Grande. Antes do jogo, porém, ficou sabendo de sua convocação pelo técnico Zezé Moreira para disputar o Pan-Americano do Chile e desistiu de entrar em campo. Um acordo entre as equipes provocou sua escalação como juiz. Terminado o jogo, encantado com o menino de pernas tortas, recomendou: "Se for ao Botafogo, será rapidamente o titular. Lá ninguém joga como você". Mané não deu ouvidos. Já tinha ido ao Vasco, onde o vice-campeão mundial de 1950 Augusto não

REPRODUÇÃO AG. JB

CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO DE ATLETA

MANOEL DOS SANTOS

INSCRIÇÃO

Pai Amaro F. dos Santos
Mãe Maria C. dos Santos

28 - Outubro - 1933

Brasileiro

Solteiro

N.º 9486 Série 1ª-R

Rua Sto. Antonio, s/n.

Manoel dos Santos

Data 17 de Abril de 1951

Nos juvenis, dividia o tempo entre o Pau Grande *(acima)*, o Cruzeiro *(abaixo)* e o Serrano, ambos de Petrópolis, que o registrou como atleta *(ao lado)*

No Cruzeiro de Petrópolis, Garrincha *(ao fundo, pulando)* jogou apenas seis meses, mas deixou a marca inconfundível de sua irreverência

REPRODUÇÕES ABRIL

RICARDO CORRÊA

Arlindo, Sílvio, Duca, Diquinho e José Pires *(da esquerda para a direita)*: os cinco companheiros de Garrincha ainda vivos e que jamais abandonaram a terra onde nasceram

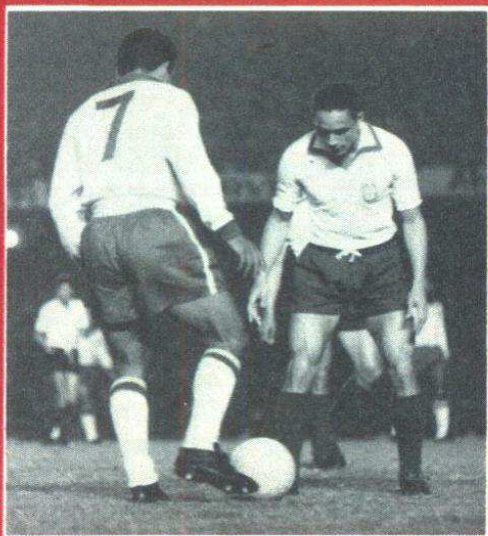
o deixou treinar, e passara uma tarde inteira no Fluminense, sem que ninguém lhe desse atenção. Até no modesto São Cristóvão foi impedido de tentar a sorte por não ter levado chuteiras. Continuou no Pau Grande, encantando apenas a região serrana com seu talento.

Finalmente, em um jogo contra o Ana Néri, no campo do Sampaio, no Rio de Janeiro, um desconhecido, que se identificou apenas como seu Orlando e sócio-proprietário do Botafogo, se aproximou e o convidou para treinar no clube de General Severiano. Ante o aparente desinteresse de Garrincha, o estranho lhe ofereceu o dinheiro da passagem e combinou esperá-lo na estação Barão de Mauá, na terça-feira seguinte. Garrincha continuava resistindo até que Carlos Pinto se aproximou, pegou o dinheiro e tranqüilizou o homem. "Pode esperá-lo. Ele vai estar lá."

De fato, Garrincha estaria lá. E, depois de dar um baile em Nílton Santos no seu primeiro treino em General Severiano, acabou contratado. O Botafogo ainda pagou 2 mil cruzeiros da época ao Serrano, que, por ser vinculado à Liga Petropolitana de Futebol Amador, tinha direito ao passe de Garrincha — o Pau Grande não tinha vínculo com nenhuma entidade. Mané, no entanto, nunca tirou de sua mente o time em que deu os primeiros passos. Tanto que, no início de sua carreira profissional, levou o Botafogo para treinar contra a antiga equipe. Ao chegar a Pau Grande, propôs: "Jogo o primeiro tempo em um time e o segundo no outro". Gentil Cardoso olhou para o outro lado do campo, lembrou-se das histórias em que aquela equipe encantava os apaixonados pelo futebol e não permitiu que a velha formação se reunisse. O risco de derrota, ele sabia, era muito grande.

Daí em diante, os pau-grandenses só puderam vê-lo em ação com a camisa do clube em algumas tardes de domingo, quando o Botafogo jogava no dia anterior. Mané chegava mansamente perto do técnico e, como se ainda fosse o juvenil pleiteando um lugar entre os titulares, pedia para entrar. Os adversários, durante um bom tempo, tremeram ao olhar a tabela do Campeonato Carioca. Se o Botafogo jogasse no sábado, Mané com toda a certeza estaria em campo no domingo, e aí, todos já sabiam, não haveria a menor possibilidade de vitória.

Da antiga formação, apenas Arlindo e Diquinho tentaram a sorte em um time profissional. Fizeram um ano de experiência no Bangu, mas acabaram dispensados. Hoje, só estão vivos o goleiro Duca, o lateral Sílvio, o volante José Pires e os próprios Arlindo e Diquinho. Mas, daquele tempo, só restam mesmo as amarelecidas lembranças dos álbuns de retratos.

ALBERTO FERREIRA/AG. JB

O INÍCIO DO DRIBLE: GARRINCHA E MARCADOR FICAM IMÓVEIS

DÉCADA DE 50: A DEFESA DO VASCO INVENTA A FILA NA TENTATIVA DE PARAR O ANJO DAS PERNAS TORTAS

O RITUAL DA ALEGRIA

Estádio calado, adversário imóvel. Aí, o drible, a festa, o eterno encanto

Bola com Garrincha. O ponta pára à frente de seu marcador, que fica também imóvel. Como por encanto, cessa o alarido das arquibancadas. O lateral mantém os olhos fixos na bola, como se hipnotizado, enquanto Mané o encara nos olhos. Por segundos, ficam assim. Respiração presa, a torcida aguarda. Pouco a pouco, o marcador vai se enchendo de coragem. A menos de meio metro de seu pé, a bola parece uma presa fácil. Ele então se decide: "É agora". Uma fração de segundo antes de mover-se, porém, Garrincha balança o corpo para a esquerda e sai pela direita. A perna do marcador corta o vento. Ele se desequilibra e se esparrama no chão. A torcida ri, bate palmas, vibra.

CENA COMUM: MANÉ PASSA E É AGARRADO PELO LATERAL

O ESTADO DE MINAS

ALBERTO FERREIRA AG. JB

FOTOS AG. O GLOBO

SEQÜÊNCIA INFERNAL DE GARRINCHA
CONTRA O PAÍS DE GALES, EM 1962: SHOW COMPLETO

JORGE AGUIAR

LÁ VAI MANÉ EM DIREÇÃO AO GOL:
MAIS TRÊS NOVOS "JOÕES" EM SUA LISTA

Era como assistir a uma tourada. Os primeiros a perceberem isso foram os torcedores mexicanos. Numa partida entre Botafogo e River Plate, na Cidade do México, o estádio inteiro gritava "Ôôôôôô-lé, ôôôôôô-lé", toda vez que Garrincha driblava o lateral Vairo, da Seleção Argentina. Não faltou naquela tarde nem mesmo um clarim tocando ironicamente a abertura da ópera *Carmen*, como ocorre nas touradas. Com pena de seu jogador, o técnico do River substituiu-o. Ao cumprimentar o reserva na beira do gramado, Vairo ainda teve forças para gozá-lo: *"Buena suerte, muchacho. Pero antes, te aconsejo que escribas algo a tu mamá"*. Foi assim que, dos campos mexicanos, o olé desembarcou no Brasil e se incorporou definitivamente ao vocabulário do futebol.

Como um competente toureiro, Mané deixava com o marcador a decisão de atacar. Se, no entanto, não se decidisse, o ponta sabia como provocá-lo. Ia empurrando a bola de leve em sua direção. Em muitas ocasiões, o lateral tentava adiar indefinidamente o final do lance, recuando, recuando, até se chocar com algum companheiro. A maioria, porém, preferia apelar para a violência. Derrubado, Garrincha limitava-se a se levantar e a ajeitar as meias. Não reclamava, não revidava. Sua vingança era driblar ainda mais o agressor.

O PONTA ARRANCA COM O MARCADOR
AINDA IMÓVEL: FLAGRANTE DO DRIBLE CLÁSSICO

ABRIL

ELE PISA NA BOLA E PÁRA. OS
ADVERSÁRIOS DÃO PASSOS DE BALÉ SEM QUERER

JORNAL DOS SPORTS

FOTOS ABRIL

O MARCADOR FICA DE LONGE. MANÉ ENTÃO SE APROXIMA DEVAGAR E PASSA FÁCIL

MANOEL SOARES/AG. O GLOBO

OBRA-PRIMA: DRIBLA O GOLEIRO E COLOCA A BOLA ENTRE BELLINI E A TRAVE

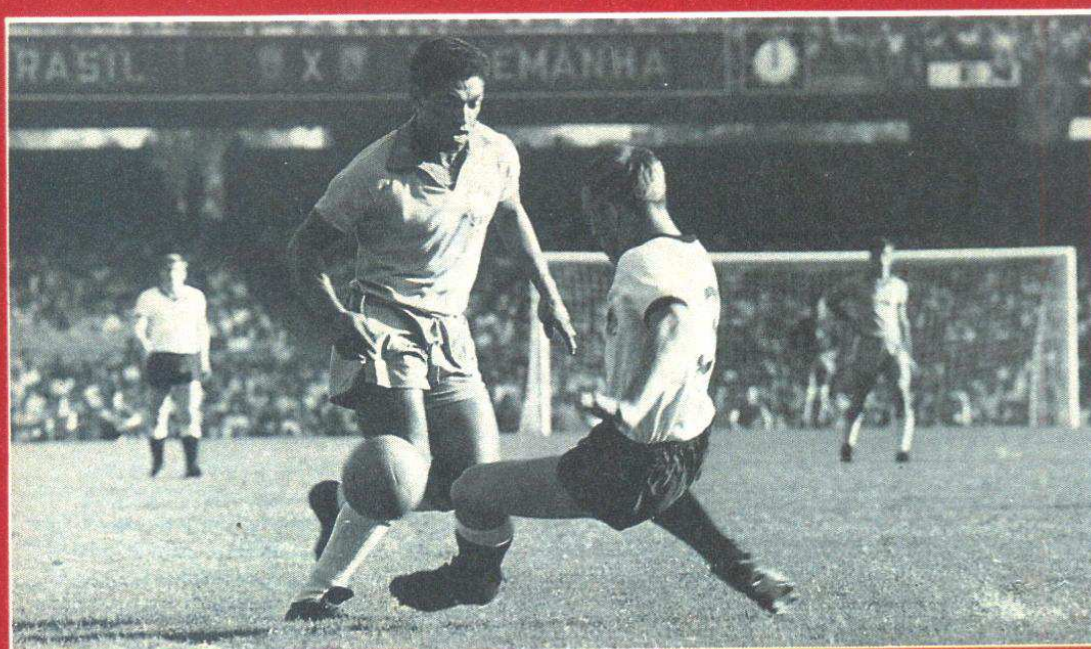
Tentou-se de tudo para neutralizar Mané. Desde a violência pura e simples até esquemas de marcação. O Vasco da década de 50, por exemplo, colocava sua defesa em fila, com um jogador dando cobertura ao outro. Desse modo, uma expressão até hoje utilizada — fazer a fila — foi escrita pela primeira vez pelas pernas tortas de Garrincha. Mas nem sempre essa artimanha apresentou bons resultados. Num desses jogos, Mané marcou um dos gols mais bonitos de sua carreira, driblando a fila, o goleiro e colocando a bola milimetricamente entre Bellini e a trave.

Depois de passar pelo primeiro marcador, o ponta arrancava decidido em direção à linha de fundo. Se outros adversários vinham em sua perseguição, estancava de súbito, pisando na bola. Na tentativa desesperada de frear, os zagueiros acabavam caindo desajeitadamente, para delícia da torcida. Era o Charles Chaplin do futebol, sempre criando situações hilariantes com sua corrida desengonçada de cinema mudo. Por tudo isso, nenhum jogador foi tão amado pelas arquibancadas e gerais. A festa habitava seus pés. Em seu soneto *O Anjo das Pernas Tortas*, o poeta Vinicius de Moraes captou a essência mágica de Mané: "Num só transporte a multidão contrita/ Em ato de morte se lavanta e grita/ Seu uníssono canto de esperança./ Garrincha, o anjo, escuta e atende: — Gooooool!"

JORNAL DOS SPORTS

SUÉCIA, 1965, JOGO CONTRA O A.I.K.: A ETERNA IRREVERÊNCIA

AG. O GLOBO

EURICO DANTAS/AG. O GLOBO

MARACANÃ, 1965, AMISTOSO, BRASIL 2 X ALEMANHA 0: LATERAL ALEMÃO COMEÇA...

...A LEVAR SEU BATISMO COMO "JOÃO". O RITUAL SÓ ACABA QUANDO CAI DE JOELHOS

FOTOS POPPERFOTO

UM BAILE DEMOCRÁTICO

Aquela figura alta e imponente posicionada na lateral-esquerda do campo não impressionava Garrincha. Era o primeiro treino do ponta no Botafogo, e os amigos, assustados com sua quase displicência diante do titular da Seleção Brasileira, resolveram alertá-lo: "Você sabe quem vai marcá-lo, Mané?", perguntou o presidente do Pau Grande, Roberto Leite. "É o Nílton Santos", completou, esperando uma reação. Nem assim o craque se abalou. "Não tem importância, não", tranqüilizou Garrincha. "Em Pau Grande o João também me marca."

A referência de Garrincha ao zagueiro-central de sua primeira equipe — João Berruga —, o único que conseguia anulá-lo em alguns treinos e peladas, serviu como eterna identificação para seus marcadores. Nílton Santos foi apenas o primeiro a sentir na pele a dificuldade de ser um "João", levando até bola entre as pernas no primeiro treino de Garrincha.

Por isso, fez questão de tê-lo a seu lado no Botafogo e jogou toda a responsabilidade para o tricolor Altair, o flamenguista Jordan e o vascaíno Coronel, que ficaram na história como as maiores vítimas dos dribles mais desconcertantes.

Dribles que espantaram o mundo inteiro em Estocolmo, na Copa de 1958, onde Mané acabou com a suposta ciência do futebol soviético, com seu marcador Kuznetsov e fez o sueco Gustavsson deixar tonto o Estádio Raasunda, depois da goleada por 5 x 2 que deu o primeiro Mundial ao Brasil.

E até Gérson, reconhecidamente um gênio, bailou diante de suas pernas tortas quando, por ordem do técnico Flávio Costa, tentou inutilmente marcá-lo na final do Campeonato Carioca de 1962. Prova que os dribles de Garrincha não escolhiam craques ou pernas-de-pau. Quando a bola estava em seus pés, todos eram iguais e atendiam pelo nome de João.

Os laterais que receberam a missão de marcar Garrincha só tinham uma certeza: herdar o nome do antigo zagueiro do Pau Grande, João Berruga. E até gênios como Gérson e Nílton Santos foram também suas vítimas

ABRIL

O sueco Gustavsson deixou o Estádio de Raasunda tonto, graças às jogadas do ponteiro

A CIÊNCIA NO CHÃO

A partida contra a URSS era a estréia de Garrincha em Copas do Mundo, depois de passar os dois primeiros jogos do Mundial de 1958 na reserva. Por isso, humilhou de uma só vez dois marcadores. Começou deixando Krijevski no chão para invadir a área e mandar uma bola na trave. Depois fez o lateral Kuznetsov bailar à sua frente por todo o jogo. E a suposta ciência do futebol soviético caiu por terra.

O CAMINHO DA TAÇA

A final da Copa do Mundo de 1958 não serviu apenas para deixar os suecos boquiabertos. Deixou também o lateral-esquerdo Gustavsson, da Suécia, tonto com os dribles de Garrincha. Durante o jogo, o marcador percebeu que tudo o que se falou sobre o ponta brasileiro no resto da Copa do Mundo era verdade. Por seu setor Garrincha abriu o caminho do título, criando as jogadas dos dois primeiros gols da goleada por 5 x 2, e fez até os suecos entenderem o sentido de um nome para eles estranho: João.

PIMENTEL/AG. JB

O Vasco montou um esquema para pará-lo: o time ganhava jogos, mas Coronel dançava

ABAIXO O ESQUEMA

Coronel ficou para a história como o maior João vascaíno. Sofreu dribles memoráveis em todos os jogos entre Botafogo e Vasco e mereceu ficar com o título. Mas não foi o único vascaíno a sofrer com a magia de Garrincha. O time armava um esquema especial para marcá-lo, recuando o ponta Pinga, deixando Coronel na cobertura e Orlando como terceiro marcador. Conseguiu várias vitórias, mas não parou Garrincha, que driblava em fila todos os seus marcadores.

ALBERTO FERREIRA

ATÉ GÊNIO ENTROU NA DANÇA

O flamenguista Jordan passava as semanas que antecediam os jogos com o Botafogo treinando com Joel e Dida a melhor maneira para anular Garrincha. Sofria como qualquer outro marcador em campo, mas foi considerado até pelo ponta o seu melhor marcador. Na decisão do Campeonato Carioca de 1962, porém, o técnico Flávio Costa recuou Gérson para marcá-lo e colocou Jordan na cobertura. Garrincha desnorteou os dois, fez dois gols e criou a jogada do outro nos 3 x 0 que deram o título ao Botafogo. Jordan fez seu pior jogo contra Mané e até Gérson virou João.

FOTOS WILNEY/AG. JB

Na final do Campeonato Carioca de 62, Gérson tentou marcá-lo. Não deu. De quebra, Mané fez Jordan jogar a sua pior partida contra o Botafogo

Ah, meu Compadre Mané...

Ninguém melhor que Nílton Santos para falar de Garrincha. Afinal, foram trinta anos vendo-o fazer de tudo. Uma amizade que começou, certa vez, com um drible

Quando olhei o tipo pela primeira vez, com aquelas pernas tortas, confesso que não fiz fé. "É mais um que vem tentar a sorte", pensei naquela tarde de treino no antigo campo do Botafogo, na Rua General Severiano. Estava em minha fase de despedida de solteiro, é verdade, e até por isso acabei indo treinar sem muita condição física. Nada nesse mundo, porém, justificaria o espetáculo que se seguiu: logo na primeira bola que ele pegou, balançou o corpo e passou-a no meio das minhas pernas. Nossa mãe! Eu, que já era muito badalado — havia até participado da Copa de 50 —, me lembrei logo de uma frase do Zizinho: "Ponta ou tem que ser muito bom ou só serve para não deixar a bola sair pela lateral". E aquele rapaz de pernas tortas era bom mesmo. Era simplesmente o melhor de todos.

Por isso, nas arquibancadas — sempre cheias de gente em dia de treino em conjunto do Botafogo —, começou a correr um burburinho. Todos queriam saber quem era aquele cara. Na verdade, nem ele mesmo tinha certeza do próprio nome — se era Manoel dos Santos, se era Gualicho (um cavalo famoso por ter vencido o Grande Prêmio Brasil) ou ainda Garrincha, como acabou conhecido. O que sei é que tive muita sorte em encontrá-lo antes de qualquer outro.

Já pensou no Garrincha em forma no Flamengo, que figura? Com aquele povão em cima, o que não ia fazer de desgraça com os outros no Maracanã? E o pior é que eu seria uma das vítimas! Não podia ficar esperando que isso acontecesse. Chamei, então, o técnico Gentil Cardoso logo depois do treino e perguntei: "De onde apareceu esse cara? Contrata logo, senão nunca mais vou poder dormir sossegado". Graças a Deus, ficamos no mesmo time.

No começo, eu era um dos poucos que não o gozavam. Acho que isso facilitou nossa aproximação. Os jogadores o chamavam de Aleijado, Torto e outras brincadeiras. Mané levava tudo na esportiva, e a resposta vinha sempre bem-humorada: "Com defeito físico não se brinca..." Mas até hoje não sei se, no íntimo, não se chateava. Por isso, sempre preferi observar suas reações, dentro e fora do campo. Logo no jogo de estréia, contra o Bonsucesso, Mané fez três gols na vitória do Botafogo por 6 x 3. Um deles de pênalti, batido com a tranqüilidade de um veterano, como se jogássemos juntos há anos.

Passei, por exemplo, a tentar entender por que o Mané driblava com tanta facilidade. Logo percebi que, quando ia para cima do marcador, o cara se afastava, apoiando-se no pé esquerdo. E era justamente para aquele lado que

TINA COELHO

Eu o acompanhava por todos os cantos. Sabia a falta que faria em uma Copa

Depoimento de
NÍLTON SANTOS
ao editor
CELSO DARIO UNZELTE

Olhando suas pernas tortas, não fiz fé. Mas ele era bom mesmo. Simplesmente o melhor de todos

Ah, meu Compadre Mané...

Mané sempre driblava, aproveitando que o marcador não podia tirar o pé de apoio do chão. Mas o verdadeiro segredo eu só descobri mesmo depois, quando viramos compadres e ele me levou para Pau Grande, sua cidade natal.

Um segredo de infância

Mané resolveu que eu batizaria sua sexta filha, Maria Cecília. Fui apresentado aos vizinhos todos de Pau Grande com um orgulho comovente por parte dele. Era como se só eu, ali, fosse um jogador famoso. A certa altura, veio o convite: "Compadre, vem conhecer o nosso 'Maracanã' ". Era um platô, um morrinho irregular perto da casa dele, onde a criançada fazia seu campinho, botando dois tijolinhos de cada lado. Tenho a impressão de que foi lá que Mané, quando garoto, aprimorou sua principal jogada, porque tinha que passar pelo adversário e, ao mesmo tempo, evitar que a bola caísse em um barranco. Aquilo lhe deu uma noção de distância muito boa. Por isso, era capaz de conseguir, mesmo a meio metro da linha de fundo, sempre um drible a mais.

ABRIL

O que vi Mané fazer com o Botafogo pelo mundo afora não existe

Embora tenham inventado muitas histórias, o fato é que Mané era mesmo uma pessoa completamente desligada. Paris, para ele, era "aquela cidade onde o seu Zezé Moreira (técnico do Botafogo) escorregou no corredor". E a Inglaterra, "aquele time que tem a camisa igual à do São Cristóvão". Para se ter uma idéia, uma madrugada estávamos no Peru, com o Botafogo, e de repente um tremor de terra provocou a maior correria. Homens de cuecas, mulheres de camisola, todos no meio da rua. E ele, da janela do hotel, gritando: "Que foi, gente? Deixa de besteira! Tudo isso por causa dessa tremidinha à toa?" Ao mesmo tempo, quando a bebida da moda era a cuba-libre, uma mistura de rum com Coca-Cola, Mané foi esperto o suficiente para jogar fora o limãozinho que caracterizava o drinque. Assim, quando seu Zezé Moreira passava por ele, não dava bronca. E ainda por cima comentava: "Se encharcando de Coca-Cola, hein, Mané?"

Nosso primeiro título juntos foi o Campeonato Carioca de 1957, quebrando um jejum de nove anos do Botafogo. E foi bonito. Benício Ferreira Filho, vice-presidente do Fluminense, nos instigou na véspera do jogo decisivo. Foi à televisão e às rádios convidar os tricolores a comemorarem o campeonato por antecipação, já que jogavam pelo empate. Na concentração, enquanto nos mordíamos de raiva, o Garrincha, com toda sua simplicidade, espantava-se com o que ouvia: "Ué, se a gente ainda não jogou, como é que ele pode estar falando essas coisas?" No dia seguinte, o Fluminense entrou com a preocupação de marcar o Garrincha, mas não adiantou nada. Clóvis e Altair foram driblados nesse jogo várias vezes, e, às vezes, os dois "dançavam" de uma vez só. É que o Mané esperava o Clóvis ir recuando, recuando, até bater com as costas no Altair. Quando os dois trombavam, aproveitava para passar como um foguete. Cansou de repetir essa jogada, e, graças a isso, ganhamos de 6 x 2 — Paulo Valentim fez cinco e Garrincha, um, o quinto da goleada.

Entrou neste time com a tranqüilidade de um craque já veterano

AG. JB

Em pé: Gérson, Gílson, Nílton Santos, Arati, Bob e Juvenal; *agachados:* Garrincha, Geninho, Dino da Costa, Carlyle e Vinicius

Na Seleção, lutando pela camisa 7

Mas foi só depois de muita luta que conseguiu repetir essas façanhas com a camisa da Seleção. Embora eu nunca tenha ouvido da boca deles, sabia-se que o pessoal da Comissão Técnica da Copa de 58 achava o Garrincha muito individualista. Preferiam o Joel, um ponta que ajudava a defesa. Sempre achei isso um sintoma de covardia. O próprio Joel, um rapaz muito esclarecido, sabia que o Mané é que tinha de jogar. Uma noite, na concentração, assistíamos a um jogo da Suécia contra a Hungria, pela televisão. O ponteiro-direito sueco, Hamrin, um driblador, provocou o comentário de Castilho: "Esse cara é bom demais..." E eu retruquei em cima: "Ah, é bom porque é sueco, porque é lourinho? O Garrincha, todo torto, faz dez vezes mais que isso e vocês chamam ele de fominha". Quan-

AG. JB

"Pode deixar comigo", ele sempre dizia. Aí, era só festejar

do olhei percebi que toda a comissão técnica estava atrás de mim.

Minha preocupação maior naqueles dias passou a ser com os testes psicotécnicos do professor Carvalhaes. Ia sempre antes do Mané — assim, na saída, podia lhe passar as dicas. Sabíamos que, se fosse reprovado, corria o risco de não ser mais escalado. Em um dos testes, o de desenhar e dar vida a um boneco, avisei: "Mané, você gosta muito de caçar. Vai lá, desenha uma galinha, um homenzinho, inventa uma história qualquer". Só que ele desenhava muito mal, e o boneco dele saiu magrinho e com uma cabeça enorme. Quando o professor mandou que desse vida ao boneco, Mané exclamou: "Ih, parece o Quarentinha!" No fim de cada um desses testes, eu, preocupado, perguntava: "E aí, professor, como ele se saiu?" A resposta era sempre negativa.

Com dribles, fazia sua própria tática

Mas a fama de indisciplinado taticamente veio antes mesmo do famoso amistoso com a Fiorentina, a uma semana do início da Copa, em que, por causa de uns dribles a mais, teria perdido o lugar no time nos dois primeiros jogos do Mundial, contra Áustria e Inglaterra. Jogando pelo Botafogo, na Costa Rica, Mané já havia resolvido driblar o time todo do Sapriza, campeão de lá. No final do amistoso, sozinho, na frente do goleiro, ainda ficou um tempão ameaçando fazer o gol, sem, porém, chutar. Só quando o goleiro abriu as pernas foi que, enfim, marcou, para alívio do já desesperado técnico Paulo Amaral. "É que ele demorou demais para abrir as pernas", justificaria Garrincha depois, no vestiário.

Ele ia jogar. Assim ganhamos a Copa

Eu, que o acompanhava por todos os cantos, sabia mais que ninguém a falta que iria fazer na Copa. Só o próprio Mané parecia não se abalar. Apenas uma vez, quando estava na reserva, confessou: "Antes eu ficasse nas minhas peladas em Pau Grande. Pelo menos lá estaria jogando". A situação só se resolveu quando o doutor Hílton Gosling, médico da Seleção, me disse: "O Joel não está se sentindo bem. O Mané vai jogar". Fui correndo para o quarto dele dar a notícia, não sem antes cobrar: "Mané, olha que tenho lutado muito por você. Não vai me deixar mal". Ele então respondeu: "Pode deixar". Deixaram. E aí fez tudo aquilo nos jogos seguintes. O Mané, com o desenrolar do jogo, ia atraindo o adversário, e, ao mesmo tempo, desguarnecendo para nós o outro lado. O instinto de defesa dos inimigos facilitava nossa vida. Assim ganhamos nosso primeiro mundial.

Começava aí sua melhor fase. Nesse tempo, de cada dez tentativas, em pelo menos oito o Mané passava com bola e tudo pelo adversário. O que ficou filmado de suas atuações são basicamente os jogos pela Seleção, mas o que eu vi o Mané fazer no Botafogo pelo mundo afora não existe nem existirá em lugar nenhum. A cada excursão, a primeira coisa que procurava era a zona da cidade, a "casa da Marocas", como ele chamava. Mas, quando precisávamos, lá estava o Mané para nos salvar em campo. Porque sua vida era apenas isso: a bola e as mulheres.

Só me recordo de tê-lo visto parado em campo uma vez, em um empate do Botafogo com o Racing, então campeão da França, por 2 x 2, em Paris. Naquele dia o lateral que o marcou foi muito feliz, e o Mané não fez nada. É que, de manhã, a revista *Manchete* havia programado tirar uma foto dele no alto da Torre Eiffel. Na hora H, Garrincha se chateou, não quis subir. "Aí só

De cada dez tentativas, em oito passava com bola e tudo

PIMENTEL AG. JB

Ah, meu Compadre Mané...

tem ferro", comentou, contrariado. E voltou para o hotel. Não se sabe por que, mas ficou chateado por um bom tempo. No ano seguinte, o Botafogo voltou para jogar contra o mesmo Racing, já bicampeão francês, e Zezé Moreira lembrou: "O cara que não te deixou tocar na bola da outra vez vai jogar hoje de novo. É um lateral, já meio calvo". Os juros que o Mané fez aquele cara pagar em um ano foram um negócio monstruoso. Ele driblava o marcador uma, duas, três vezes, até o pobre do rapaz sair do campo pela linha lateral. Então, o Mané pisava na bola, olhava para o banco e perguntava: "Seu Zezé, é esse mesmo?" Até que o rapaz foi substituído e ganhamos o jogo por 4 x 2.

FOTOS ABRIL

Em 57, Clóvis (*fotos*) e Altair eram driblados de uma vez só

Com Pelé fora, fez de Amarildo um rei

No meio da euforia no vestiário, enquanto Garrincha tirava as chuteiras, Zezé Moreira comentou: "Puxa, Mané, hoje você arrebentou com ele! Tiraram até o cara do jogo!" Então, do alto de sua pureza, quis provar ao treinador que não havia sido tanto: "É, seu Zezé, acho que o sujeito não era mesmo muito bom". Garrincha era assim: jamais cobrava as pessoas com argumentos, com papo, mas com atitudes. Era como agia também com os cartolas que lhe prometiam coisas e não cumpriam. Em represália, simplesmente sumia. Cansei de ir a Pau Grande buscá-lo de volta para jogar, a cada vez que isso acontecia. Um dia, desiludido, me pediu: "Olha, compadre, nessas brigas o senhor, por favor, não se mete mais não". Entendi seus motivos.

Em 1962, no Chile, Mané foi tudo. Principalmente depois que Pelé se machucou. Tem um lance dele contra a Tcheco-Eslováquia que é coisa de toureiro. Djalma Santos mete a bola, rasteira, e o Mané vem ao encontro da jogada. Por trás, o marcador prepara-se para atingi-lo. Aí, Garrincha deu tamanho efeito ao lance que o pobre tcheco passou lotado, entre ele e a bola. Um negócio de louco. Mas não era nada oportunista. Em vez de pensar em pegar para si o trono vago de rei do futebol, preferiu fazer Amarildo brilhar. No jogo contra a Espanha, então, driblou quase todo o time inteiro do adversário e fez de Amarildo o herói do jogo.

Consagrando atacantes

Era um velho hábito. Já em 1955, Vinicius, ponta-de-lança do Botafogo, em uma excursão à Europa, pediu ao Mané para lhe dar umas bolas fáceis. Assim, fazendo alguns gols, atrairia a atenção dos empresários e poderia até ficar por lá, contratado por algum clube italiano. Mané então limpava todo mundo, olhava para a pequena área e entregava a bola ao Vinicius, que, graças àqueles gols, está por lá até hoje. Na volta da viagem, no navio, Dino da Costa, outro que já estava contratado, trazia um bolo de dólares amarrado na camisa. O pessoal gozava: "Puxa, dá um pouquinho para o Mané". Mas para Garrincha o dinheiro não tinha o mesmo valor que a satisfação de ajudar um companheiro.

Por isso, sei que Garrincha nunca teve inveja de ninguém, nem mesmo do sucesso do Pelé. Aliás, não há como comparar os dois. Enquanto o Pelé foi todo equilíbrio, como homem e profissional, o Mané era um vai-da-valsa, um cômico com a bola nos pés. Capaz de criar os mais belos gestos de solidariedade da história do futebol. Como quando, em um jogo com o Fluminense, embora tivesse condições de marcar o gol, preferiu jogar a bola fora, para o adversário machucado ser atendido. Ele também trouxe para cá o grito do "olé", hoje comum nos estádios. Foi no México, contra o River Plate. A vítima foi o Vairo, um jogador da Seleção Argentina, que naquele dia tomou drible até ser substituído. Mané ouviu o coro da torcida e gos-

Pelé era todo equilíbrio; Mané, um cômico da bola

tou. Ainda mais sendo no México, onde a mulherada ficava em cima dele o tempo todo... Para se mostrar a elas, era capaz de driblar até a mãe dele. Como fez em uma vitória do Botafogo contra a Seleção da Holanda. Zezé mandou o time prender a bola, e ele entendeu que era para ficar o tempo todo com ela. Driblava até os companheiros. "Solta a bola", a gente gritava. Ao que o Mané continuava driblando e respondendo: "Seu Zezé mandou prender". Só depois entendeu que prender a bola significava também tocá-la para os outros.

Depois que inventaram o tal futebol-força, ficou difícil para ele. Aí tudo começou a pesar. Fala-se muito que chegou a assinar contratos em branco com o Botafogo, mas isso era mais ou menos uma prática comum na época. Eu mesmo assinei três. Dizem até que, para jogar em uma excursão do Botafogo no exterior, chegaram a amordaçá-lo para tomar uma infiltração no joelho, que já começava a dar problemas. Mas nunca vi nada disso. Auxiliei como pude sua saída do Botafogo e sua ida para o Corinthians, em 1966.

AG. O GLOBO

Falam muito que assinava os contratos em branco. Mas eu mesmo assinei três

No Corinthians, a última boa chance

Passei um dia inteiro no Parque São Jorge. Almocei e jantei com ele e o Brandão, técnico do time naquela época. Queria que Mané entendesse que aquela podia ser sua última grande chance no futebol. "Mané, o Corinthians é o time da massa. Se jogar bem aqui, está feito", eu dizia. Ele ouvia, aceitava, mas não cumpria. Sempre fez o que a cabeça mandava. Na despedida, ainda avisei: "É amanhã, hein, Mané?" Eu me referia ao dia da assinatura do contrato, mas ele, despreocupado, ainda perguntou, surpreso: "É amanhã o quê?"

Seu maior problema, nesses dias, já era o álcool. O mau exemplo vinha desde os tempos de Pau Grande, um lugar sem nenhuma diversão — circo, cinema, nada. O negócio então era tomar birita. Mesmo depois de ter encerrado a carreira, porém, Garrincha jamais bebeu na minha frente. Uma vez fomos jogar na cidade de Campos, eu, ele, Vavá e outros veteranos, e paramos na estrada para almoçar. Resolvemos tomar uma cerveja e Mané sentou-se à minha frente, como quem quer provar alguma coisa, e pediu, bem alto: "Me dá uma água mineral!" Mudei de lugar três vezes, e por três vezes me procurou, para tomar a água perto de mim. Disse-lhe então que não tinha nada a ver com a sua vida e que, com aquilo, estava enganando a si próprio, não a mim. Sabia que, longe de minha vista, tomava cachaça, conhaque e outras bebidas bravas.

Na hora de jogar, continuava o mesmo desligado de sempre. Convidado a se apresentar em Mato Grosso pelo Milionários, time de veteranos onde jogou suas últimas partidas, esqueceu de levar as chuteiras. Com a família era a mesma coisa. Quando se juntou a Vanderléa, viúva do Jorginho Carvoeiro, do Vasco, aconselhei: "Puxa, Mané, com tanta mulher você foi se meter logo com a ex de um jogador de futebol?" E ele, ingênuo: "Ah, compadre, fica tranqüilo. Ninguém está sabendo disso, não..."

Fenômeno não se explica

Por causa de coisas como esta muita gente discutia se, afinal, Garrincha era um gênio ou um desequilibrado mental. Nem uma coisa nem outra: era apenas diferente. Para fazer o que fazia, ninguém pode ser normal. Às vezes eu comentava com o Juvenal, do Botafogo, na concentração: "A gente tá aqui, e os adversários a essa hora, na maior tranqüilidade, sem saber que dentro do campo vão ter de enfrentar um demônio desse". Mas, de tudo o que já se falou dele, a melhor definição talvez tenha partido do próprio professor Carvalhaes, que um dia pensou em barrá-lo na Seleção por causa dos exames psicotécnicos. Naquela oportunidade, lancei-lhe um apelo, como último recurso: "Professor, o Mané só sabe jogar futebol. E é para isso que nós viemos à Suécia". Vinte dias depois, dando a volta olímpica no Estádio Raasunda, o psicólogo lembrou-se do fato. E decretou: "Garrincha é mesmo tudo aquilo, Nílton. Tudo aquilo, e ainda muito mais".

***Nílton Santos**, lateral-esquerdo do Botafogo e da Seleção entre 1948 e 1964, foi três vezes campeão carioca (1957, 1961 e 1962) e bi mundial (1958 e 1962) jogando ao lado de seu compadre. Atualmente dá aulas na Escolinha de Futebol Mané Garrincha, do Departamento de Educação Física e Recreação de Brasília (DF).*

Gênio ou louco? Acho que ele foi muito mais que tudo isso junto

WALTER FIRMO/AG. JB

A HISTÓRIA A SEUS PÉS

Extraordinário desde o primeiro treino, transformou a vida de seu clube e o tornou uma atração em todo o mundo

O garoto pisava pela primeira vez no gramado de General Severiano para um teste, mas não parecia abalado. Ninguém lhe dava a menor atenção, e a única coisa fora da rotina no Botafogo parecia ser a ausência do técnico Gentil Cardoso, que, resolvendo problemas particulares, deixou o treino a cargo de seu filho, o médico alvinegro Nílton Cardoso. Quando a bola começou a rolar, porém, o menino mostrou que aquele não era um dia qualquer na vida botafoguense. Sem se incomodar com a marcação de Nílton Santos, driblava como um gênio, passava-lhe a bola entre as pernas e dava a impressão de ter o diabo no corpo. O menino era Garrincha.

Meio sem jeito por não poder definir a contratação do candidato a craque, Nílton Cardoso esperou o fim do treino e mandou todos descerem para o banho. Minutos depois, aliviado, viu o pai entrar no vestiário e, sem perder tempo, foi avisá-lo do que acontecera. "Tem um garoto aí que é craque", disse, apontando para Garrincha. "Quem?", perguntou Gentil Cardoso sem entusiasmo. "Aquele torto?", alfinetou. A curiosidade, porém, o fez se aproximar e questionar se o menino seria capaz de repetir a atuação que seu filho contara. "Claro, faço isso sempre em Pau Grande", afirmou Garrincha. Espantado, Gentil Cardoso fez todos os atletas retornarem ao campo e assistiu atônito a mais um espetáculo daquele garoto de pernas tortas. Aí, não teve mais dúvidas. Contratou Garrincha.

Naquela tarde de outono de 1953 começava a trajetória do maior craque que já vestiu a camisa do Botafogo. A estréia, pelos aspirantes, aconteceu em 21 de junho de 1953, contra o Avelar, de Vassouras. Um mês depois, em 19 de julho, fez seu primeiro jogo oficial, marcando três gols na vitória por 6 x 3 sobre o Bonsucesso. Desde aquela época, a imprensa já lhe tratava de maneira especial, divulgando sua presença nas duas partidas, embora sem acertar seu nome. Na primeira, o chamava de "Garrinha"; na segunda, o tratava por "Gualicho".

Dali em diante foram quase treze anos de amor ao clube, 581 jogos e 232 gols que mudaram a história botafoguense (veja a relação completa na pág. 44). Mesmo sem jogadores à sua altura no início — o único cobra inquestionável era Nílton Santos —, Mané ainda assim levou o time ao terceiro lugar em seu primeiro campeonato, fazendo vinte gols. Mas foi com a

REPRODUÇÃO AG. O GLOBO

Contra o Palmeiras, em 55 *(ao lado)*, era destaque de um time modesto. Só com Didi *(abaixo)* ganhou um parceiro à altura

AG. O GLOBO

FOTOS ESTADO DE MINAS

O Santos de Mauro, Calvet e Dalmo *(acima)* era o único adversário capaz de parar o Botafogo. Mas até Pelé reconhecia em Garrincha um grande campeão

AG. JB

Em 1962, no Maracanã, estraçalhou o Flamengo na decisão do Campeonato Carioca e conquistou o título mesmo sem ter Didi para ajudá-lo

chegada de Didi, em 1956, que ganhou um companheiro que sabia explorar suas características. Com isso, seu futebol tornou-se ainda mais extraordinário. Convites para excursões e torneios em todo o planeta chegavam a General Severiano, e o clube se exibiu desde a Colômbia até a Iugoslávia. Em qualquer lugar conhecia-se "o time de Garrincha". No Brasil, só havia um adversário — o Santos de Pelé. Assim, o clube conquistou com facilidade os títulos cariocas de 1957, 1961 e 1962 e os torneios Rio-São Paulo de 1962 e 1964 — o último ao lado dos santistas. No carioca de 1962, inclusive, apenas em cinco jogos o ponta pôde contar com a valiosa companhia de Didi, machucado.

Garrincha era o Botafogo. Tornou-se o maior artilheiro da história alvinegra, desbancando o antigo centroavante Carvalho Leite, e virou um apaixonado pelo clube. Tão apaixonado que se dispôs a sofrer infiltrações para entrar em campo e garantir com seu prestígio a quota do clube em jogos internacionais. Tão apaixonado a ponto de adiar a operação do joelho, que o afastou dos gramados de 1964 a 1965, apenas para atender a um pedido do Botafogo. Só não imaginava que o clube viesse a se desinteressar por ele e vendê-lo ao Corinthians por 220 milhões de cruzeiros, cerca de 100 mil dólares na época, sem sequer comunicá-lo. Coube ao presidente corintiano Wadih Helou avisá-lo de sua transferência. Ao ouvir a notícia que não era mais jogador do clube, Garrincha não se conteve. Chorou.

DE GUALICHO A GARRINCHA, O CRAQUE FEZ SEU NOME

Decidido: Estreiará Gualicho Frente O Bonsucesso

Ariosto Na Meia-Esquerda, Em Substituição A Zezinho

ESTRÉIA GARRINHA NO BOTAFOGO

Integrando Uma Equipe Mista Que Jogará Amanhã Em Miguel Pereira

Sob a chefia do diretor de ... Wilson, Dodo, Araçagipe, Ricar-

Logo nos primeiros treinos, ele chamou a atenção da imprensa, que não sabia sequer seu nome. Virou notícia nos jornais, ora chamado de "Garrinha", no time misto, ora de "Gualicho", em sua estréia contra o Bonsucesso. Mas bastou conhecerem seu futebol para aprenderem a falar Garrincha

OS GOLS PELO ALVINEGRO

Campeonato Carioca

19/07/53
Botafogo 6 x Bonsucesso 3 (3)
9/08/53
Botafogo 3 x Portuguesa 0 (2)
7/09/53
Botafogo 3 x Flamengo 0 (1)
20/09/53
Botafogo 1 x Madureira 1 (1)
27/09/53
Botafogo 2 x Bonsucesso 0 (2)
4/10/53
Botafogo 4 x Canto do Rio 0 (1)
11/10/53
Botafogo 3 x Portuguesa 0 (3)
18/10/53
Botafogo 3 x Madureira 1 (1)
24/10/53
Botafogo 6 x Bangu 0 (3)
1.º/11/53
Botafogo 1 x Flamengo 1 (1)
22/11/53
Botafogo 3 x Fluminense 1 (1)
29/11/53
Botafogo 2 x Vasco 1 (1)
22/08/54
Botafogo 3 x Olaria 1 (1)
12/09/54
Botafogo 4 x Portuguesa 2 (1)
14/11/54
Botafogo 5 x Madureira 0 (1)
20/11/54
Botafogo 2 x São Cristóvão 0 (1)
27/11/54
Botafogo 5 x Bonsucesso 2 (1)
10/12/54
Botafogo 5 x Canto do Rio 1 (1)
30/12/54
Botafogo 3 x Bangu 3 (1)
13/02/55
Botafogo 2 x América 4 (1)
6/11/55
Botafogo 2 x Bangu 2 (1)
20/11/55
Botafogo 2 x Fluminense 2 (1)
2/12/55
Botafogo 3 x Olaria 0 (1)
26/08/56
Botafogo 2 x Olaria 0 (1)
23/09/56
Botafogo 4 x Canto do Rio 0 (1)
13/10/56
Botafogo 2 x Olaria 1 (1)
1.º/11/56
Botafogo 2 x São Cristóvão 0 (2)
10/08/57
Botafogo 6 x Madureira 1 (1)
24/08/57
Botafogo 1 x Portuguesa 1 (1)
22/09/57
Botafogo 2 x Vasco 2 (1)
13/10/57
Botafogo 5 x São Cristóvão 0 (1)
8/12/57
Botafogo 3 x Canto do Rio 0 (1)
22/12/57
Botafogo 6 x Fluminense 2 (1)
15/08/58
Botafogo 3 x Bonsucesso 1 (1)
30/08/58
Botafogo 2 x Flamengo 2 (1)
5/09/58
Botafogo 3 x América 3 (1)
28/09/58
Botafogo 2 x Vasco 3 (1)
19/10/58
Botafogo 5 x Olaria 0 (2)
25/10/58
Botafogo 1 x Portuguesa 0 (1)
1.º/11/58
Botafogo 2 x Canto do Rio 2 (1)
15/11/58
Botafogo 2 x Bangu 2 (1)
30/11/58
Botafogo 2 x América 4 (1)
1.º/08/59
Botafogo 6 x Bonsucesso 0 (2)
5/09/59
Botafogo 2 x Canto do Rio 0 (1)
31/10/59
Botafogo 5 x Madureira 0 (1)
15/11/59
Botafogo 2 x Vasco 4 (2)
5/12/59
Botafogo 3 x São Cristóvão 0 (1)
20/12/59
Botafogo 3 x Fluminense 3 (1)
26/12/59
Botafogo 4 x Bangu 1 (1)
4/09/60
Botafogo 3 x Madureira 1 (1)
20/10/60
Botafogo 5 x Portuguesa 0 (2)
30/10/60
Botafogo 4 x Flamengo 1 (1)
4/11/60
Botafogo 3 x São Cristóvão 1 (1)
12/11/60
Botafogo 4 x Canto do Rio 0 (1)
11/12/60
Botafogo 3 x América 3 (1)
17/12/60
Botafogo 5 x Bonsucesso 3 (1)
20/08/61
Botafogo 4 x São Cristóvão 0 (1)
14/11/61
Botafogo 2 x América 1 (2)
26/11/61
Botafogo 1 x Flamengo 1 (1)
10/12/61
Botafogo 2 x Olaria 1 (1)
14/12/61
Botafogo 1 x Fluminense 0 (1)
2/09/62
Botafogo 5 x São Cristóvão 2 (2)
23/09/62
Botafogo 3 x Flamengo 1 (1)
28/09/62
Botafogo 2 x Campo Grande 0 (1)
8/12/62
Botafogo 4 x Bonsucesso 1 (1)
5/12/62
Botafogo 3 x América 1 (1)
15/12/62
Botafogo 3 x Flamengo 0 (2)
22/09/63
Botafogo 2 x São Cristóvão 0 (1)

Torneio Rio-São Paulo

9/04/55
Botafogo 3 x Portuguesa 1 (1)
16/04/55
Botafogo 3 x Palmeiras 2 (1)
9/05/57
Botafogo 3 x Fluminense 3 (1)
15/05/57
Botafogo 3 x América-RJ 1 (1)
12/03/58
Botafogo 7 x América-RJ 3 (1)
14/04/59
Botafogo 1 x Palmeiras 4 (1)
26/04/59
Botafogo 3 x América-RJ 1 (2)
16/04/60
Botafogo 3 x Santos 0 (1)
1.º/03/61
Botafogo 3 x Portuguesa 1 (1)
22/03/61
Botafogo 3 x Flamengo 0 (1)
1.º/03/62
Botafogo 2 x Flamengo 3 (1)
11/03/62
Botafogo 2 x São Paulo 1 (1)
11/04/64
Botafogo 2 x Flamengo 1 (1)
25/04/64
Botafogo 1 x São Paulo 3 (1)
9/05/64
Botafogo 5 x Bangu 0 (1)

Amistosos Nacionais

21/06/53
Botafogo 1 x Avelar-RJ 0 (1)
28/06/53
Botafogo 5 x Cantagalo-RJ 1 (2)
18/12/53
Botafogo 6 x Asas-RJ 1 (2)
24/01/54
Botafogo 2 x Vitória-BA 2 (1)
17/02/54
Botafogo 3 x Remo 0 (1)
21/02/54
Botafogo 4 x São Paulo 2 (1)
13/03/54
Botafogo 2 x Palmeiras 4 (1)
19/03/54
Botafogo 3 x Atlético-MG 2 (1)
25/04/54
Botafogo 3 x Fluminense 1 (1)
27/04/54
Botafogo 7 x Ribeiro Junqueira-MG 0 (1)
13/06/54
Botafogo 2 x Ceará 0 (2)
30/11/54
Botafogo 2 x América-MG 0 (1)
15/12/54
Botafogo 2 x Internacional-RS 4 (1)
12/01/55
Botafogo 5 x Santos 2 (3)
24/04/55
Botafogo 3 x Rio Preto-SP 0 (1)
21/12/55
Botafogo 2 x Americano-RJ 0 (1)
26/02/56
Botafogo 3 x Santo Antônio-BA 0 (1)
2/03/56
Botafogo 5 x Colo-Colo-BA 0 (2)
14/03/56
Botafogo 2 x América-MG 1 (1)
15/03/56
Botafogo 5 x Uberaba 1 (2)
20/03/56
Botafogo 2 x Atlético-MG 0 (2)
5/08/56
Botafogo 6 x Social-MG 2 (1)

Em dez anos, os botafoguenses vibraram 232 vezes com Mané. Um recorde no clube

AG. O GLOBO

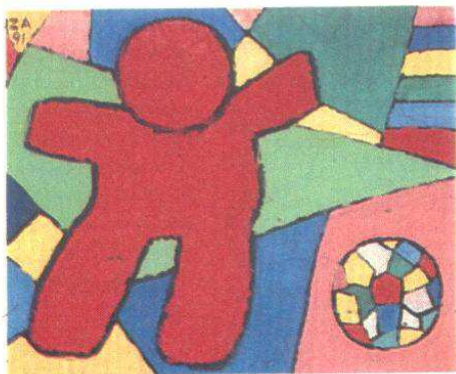
14/10/56
Botafogo 5 x Olympic-MG 1 (1)
1.º/05/57
Botafogo 2 x Botafogo-SP 2 (1)
28/05/57
Botafogo 7 x América-TR 3 (1)
22/06/57
Botafogo 2 x Ceará 2 (1)
23/06/57
Botafogo 2 x Ferroviário-CE 0 (1)
25/06/57
Botafogo 4 x Sel. Maranhense 0 (1)
23/03/58
Botafogo 5 x Atlético-MG 4 (1)
30/03/58
Botafogo 5 x Carlos Renaux-SC 5 (1)
1.º/04/58
Botafogo 5 x Sel. Florianópolis 1 (1)
16/07/58
Botafogo 3 x Usina do Ceará 1 (2)
18/07/58
Botafogo 2 x Sel. Maranhense 0 (1)
23/07/58
Botafogo 1 x Bahia 0 (1)
17/08/58
Botafogo 3 x Santo Antônio-BA 0 (2)
19/08/58
Botafogo 2 x Uberaba 2 (1)
25/01/59
Botafogo 6 x Goiânia 0 (2)
27/01/59
Botafogo 3 x Atlético-MG 1 (1)
15/02/59
Botafogo 6 x Tuna Luso 0 (1)
18/02/59
Botafogo 2 x Remo 1 (1)
24/02/59
Botafogo 3 x Santa Cruz 2 (1)
11/07/59
Botafogo 5 x Madureira 1 (1)
4/08/59
Botafogo 6 x Sport-PE 0 (1)
23/10/60
Botafogo 6 x Uberlândia 1 (1)
6/11/60
Botafogo 6 x Machadense-MG 1 (1)
17/11/60
Botafogo 3 x Ferroviário-PR 2 (1)
7/04/61
Botafogo 4 x Uberaba 2 (1)
9/04/61
Botafogo 4 x Uberlândia 2 (2)
30/08/61
Botafogo 8 x Londrina 1 (1)
7/09/61
Botafogo 6 x Estrela do Norte-ES 2 (2)
17/09/61
Botafogo 6 x Guará-DF 0 (1)
30/01/64
Botafogo 3 x Atlético-MG 2 (1)
2/02/64
Botafogo 2 x Corinthians 2 (1)
7/02/64
Botafogo 2 x Corinthians 3 (1)

Amistosos Internacionais

18/07/54
Botafogo 4 x Medellín (COL) 1 (1)
1.º/08/54
Botafogo 2 x Nacional (COL) 1 (1)
10/08/54
Botafogo 2 x Quindio (EQU) 0 (1)
22/05/55
Botafogo 4 x Tenerife (ESP) 1 (1)
29/05/55
Botafogo 3 x Valencia (ESP) 3 (1)
5/06/55
Botafogo 2 x Murcia (ESP) 2 (1)
11/06/55
Botafogo 3 x Lens (FRA) 2 (1)
14/06/55
Botafogo 5 x Dinamarca 2 (2)
19/06/55
Botafogo 6 x Holanda 1 (1)
29/06/55
Botafogo 4 x Torino-Juv. (ITÁ) 0 (2)
6/07/55
Botafogo 3 x Roma (ITÁ) 2 (1)
19/05/56
Botafogo 2 x Fulhan (ING) 2 (1)
23/05/56
Botafogo 4 x Rott Weiss (ALE) 3 (1)
16/06/56
Botafogo 2 x Lens (FRA) 0 (1)
20/06/56
Botafogo 4 x Sedan (FRA) 0 (1)
23/01/57
Botafogo 2 x Honved (HUN) 4 (1)
27/01/57
Botafogo 5 x A.I.K. (SUÉ) 1 (1)
7/02/57
Botafogo 6 x Honved (HUN) 2 (1)
9/07/57
Botafogo 4 x Sevilla (ESP) 0 (2)
18/07/57
Botafogo 2 x Barcelona (ESP) 2 (1)
10/01/58
Botafogo 4 x Sel. Caracas 1 (1)
21/01/58
Botafogo 4 x Sel. Caracas 0 (1)
26/01/58
Botafogo 4 x Farquiteno (EL SAL) 0 (3)
30/01/58
Botafogo 3 x Atl. Marte (EL SAL) 1 (1)
9/02/58
Botafogo 4 x Toluca (MÉX) 3 (2)
16/02/58
Botafogo 3 x Zacatepec (MÉX) 1 (1)
22/05/59
Botafogo 3 x Gimonas (SUÉ) 1 (1)
25/05/59
Botafogo 2 x Staevenet (DIN) 1 (1)
3/06/59
Botafogo 2 x Áustria 2 (1)
12/06/59
Botafogo 4 x Willen (HOL) 1 (1)
14/06/59
Botafogo 4 x Sel. Sarre (ALE) 0 (1)
27/01/60
Botafogo 2 x Calli (COL) 0 (2)
5/03/60
Botafogo 3 x Alianza (PERU) 0 (2)
18/01/61
Botafogo 4 x Sport Boys (PERU) 2 (2)
21/01/61
Botafogo 4 x Alianza (PERU) 0 (1)
29/01/61
Botafogo 4 x Millionários (COL) 2 (2)
3/02/61
Botafogo 4 x Alajuela (C.RICA) 1 (2)
7/02/61
Botafogo 4 x Herediano (C.RICA) 0 (2)
12/02/61
Botafogo 5 x Independientes (COL) 0 (1)
15/02/61
Botafogo 3 x Medellín (COL) 1 (1)
19/02/61
Botafogo 5 x Sel. Quito (EQU) 0 (1)
24/02/61
Botafogo 3 x Colo-Colo (CHI) 1 (1)
20/05/61
Botafogo 2 x Sel. Belgrado (IUG) 2 (1)
26/05/61
Botafogo 4 x Bayern (ALE) 1 (1)
27/06/61
Botafogo 3 x Barcelona (ESP) 2 (1)
13/01/62
Botafogo 3 x Colo-Colo (CHI) 2 (1)
19/08/62
Botafogo 6 x Millionários (COL) 5 (2)
22/08/62
Botafogo 3 x Calli (COL) 1 (1)
16/01/63
Botafogo 5 x Barcelona (EQU) 0 (2)
20/01/63
Botafogo 2 x Desportivo (COL) 0 (1)
4/02/63
Botafogo 1 x S. Cristal (PERU) 1 (1)

Entre parênteses, o número de gols por jogo

HISTÓRIAS DO FUTEBOL

Por SANDRO MOREYRA*

No final da Copa de 58, o psicólogo professor Carvalhaes, muito nervoso e cismado porque o Brasil teria de jogar de camisa azul, foi acalmado por Garrincha:

— Tranqüilo, professor, fique tranqüilo. Vamos ganhar o jogo, superstição é bobagem...

Garrincha muitas vezes passava uma partida inteira meio aéreo, alheio ao que acontecia em campo. Mas era só marcá-lo na violência para que começasse a executar a sua notável série de dribles. Num jogo contra o São Cristóvão, esteve completamente omisso, até que levou um pontapé. Daí em diante, começou a dar um show de dribles, deixando tonto seu incauto marcador. Num deles, passou como um raio rumo ao gol, o que fez com que o juiz Amílcar Ferreira também desse um pique para acompanhá-lo na jogada. Mas, de repente, Mané estanca, dá um giro rápido e volta, talvez para outro drible. Na velocidade em que ia, o juiz quis também parar e voltar, mas no giro acabou esparramando-se no campo, debaixo das gargalhadas da multidão. Possesso, levantou-se e, ainda limpando as calças, partiu de dedo no nariz de Garrincha:

— Olha aqui. Eu não sou palhaço. Se você der outro drible desses, eu te boto pra fora.

Para escrever *Copa do Mundo 62*, livro que conta o dia-a-dia da gloriosa conquista do bicampeonato mundial no Chile, Mário Filho todas as manhãs ia à concentração de Viña del Mar conversar com os jogadores, com Aimoré, com Paulo Machado de Carvalho. E uma das perguntas que fazia, invariavelmente, era se tinham sonhado, tido algum aviso ou previsão enquanto dormiam. No dia seguinte ao jogo com a Inglaterra, 3 x 1, com dois gols seus, Garrincha contou:

— Na véspera eu tinha sonhado que meu pai me dizia que ia ser 5 x 0 e que eu marcaria todos os gols.

— E o que você achou disso? — quis saber Mário Filho.

— Achei que meu pai não entende nada de futebol — respondeu, muito sério, Garrincha.

Intervalo do jogo. O técnico Vicente Feola está dando instruções aos craques da Seleção Brasileira no vestiário. De repente, vira-se para Garrincha:

— Você, Mané, vai avançar mais pelo canto. Daí...

Ao observar Garrincha refestelado num banco, lendo um gibi do *Tio Patinhas*, sem nenhuma preocupação, o treinador irritou-se:

— Bem, Mané, então faça o que quiser, tá?

Garrincha fez o que quis e o Brasil ganhou fácil.

Uma semana antes do início da Copa de 62, no Chile, o médico Hílton Gosling, por decisão de Paulo Machado de Carvalho, procurou uma respeitável dama chilena e escolheu por meio de fotos e fichas as melhores moças de seu clã para fazer companhia, por uma tarde, aos jogadores concentrados há um mês.

Foi quem quis, Didi não quis. Nem Pelé. O que levou Garrincha a reivindicar com Gosling:

— Doutor, se os crioulos não querem, posso ficar com as deles também?

FOTOS RICARDO CORRÊA

Tentando explicar melhor o local da contusão, o dr. Lídio pegou um osso, o fêmur, numa ponta, esticando a Garrincha.

"Conhece o fêmur?"

Pegando e sacudindo a outra ponta, Mané respondeu:

"Ainda não, muito prazer".

Mal descera em Madri, numa excursão do Botafogo, Garrincha sumiu. O técnico Zezé Moreira, conhecendo bem seu jogador, saiu a sua procura nos bas-fonds da cidade.

De táxi, percorria as estreitas ruelas, repletas de mulheres se oferecendo, e logo avistou Mané se acercando de uma gordinha. Mandou parar o carro e ia descendo quando Garrincha, que já o vira, gritou:

"Aí, hem, seu Zezé, o senhor também na zona..."

Encabuladíssimo, Zezé se mandou no mesmo táxi.

* O jornalista Sandro Moreyra, já falecido, foi talvez o maior "folclorista" do futebol brasileiro. Colaborou em PLACAR na década de 80

As ilustrações são do muro que cerca o estádio Mané Garrincha, em Pau Grande. Obras de diversos autores.

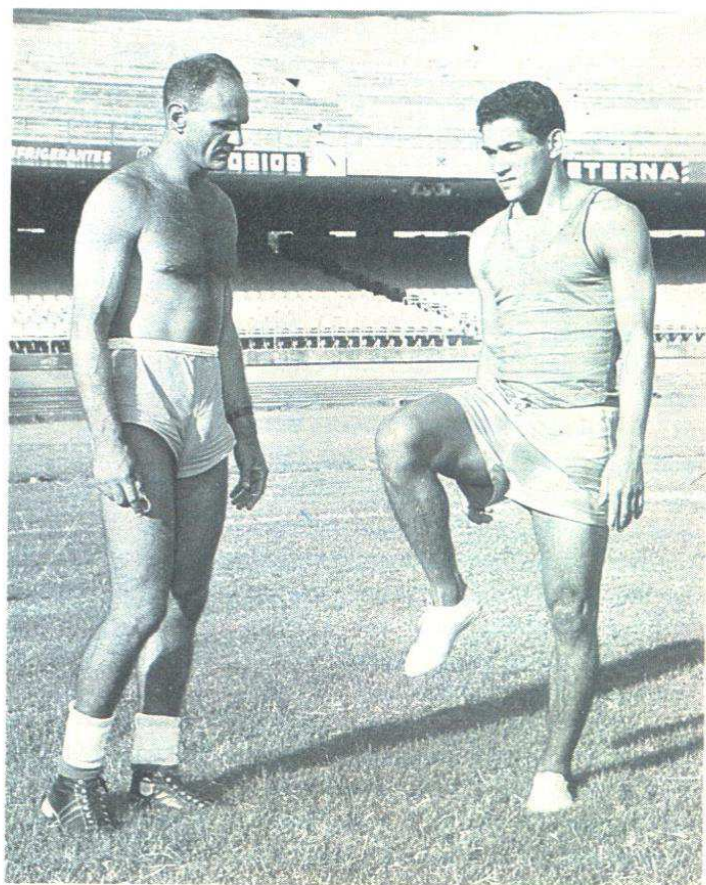
O CORPO NÃO ERA LIMITE

As pernas tortas inclinavam seu corpo para o lado direito e obrigavam-no a se ajeitar para cada novo drible. Esse era um defeito de difícil correção. Durante toda a carreira, porém, o problema físico, que poderia atrapalhar qualquer jogador comum, tornou-se o maior aliado de Garrincha. A inclinação criava um desequilíbrio em seu centro de gravidade, como explicam os especialistas. ''Em conseqüência, ele largava sempre um segundo na frente de seu marcador'', afirma seu ex-preparador físico José Roberto Francalacci, com quem trabalhou no Flamengo, no final da carreira.

O desequilíbrio gravitacional mais uma boa massa muscular lhe davam um poder de explosão capaz de fazer com que corresse os primeiros 15 metros mantendo a mesma velocidade. E esse era um de seus grandes segredos. Porém, como não conseguiam acompanhar o seu pique, os zagueiros acabavam apelando para a violência. Em conseqüência, vieram lesões e injeções no joelho, única forma de mantê-lo jogando sem sentir dores, que unidas ao problema físico nas pernas, definido pela Medicina como ''genu varo'' na direita — perna torta para o lado de fora — e ''genu valgo'' na esquerda — torta para dentro —, resultaram em uma operação em seu joelho direito em 1963. Mais tarde, ainda em função da violência e do defeito na parte inferior do corpo, ganhou uma artrose nos dois joelhos. ''Era como se em suas articulações um arame fizesse o trabalho que deveria ser de um elástico'', compara seu ex-técnico no Botafogo, Paulo Amaral, definindo a perda de mobilidade. José Roberto Francalacci ainda tentou recuperá-lo em 1968, quando chegou ao Flamengo. Colocou-o no seu peso ideal — 58 kg contra os 96 que tinha ao chegar à Gávea — e até construiu um aparelho chamado Leg Press para fortalecer a musculatura das pernas e corrigir parcialmente a artrose. A idade — 35 anos —, no entanto, impediu que o tratamento obtivesse um resultado melhor.

Largava sempre na frente dos zagueiros, graças às pernas tortas que, com o tempo, provocaram a formação de uma artrose. Garrincha teve que superar tudo isso para continuar jogando

ABRIL

UM SEGUNDO NA FRENTE
Seu centro de gravidade era deslocado pela inclinação de seu corpo para o lado direito. Por isso, conseguia manter a mesma velocidade e deixar os marcadores para trás

AG. O GLOBO

UM ARAME NOS JOELHOS
As pernas tortas e a violência dos zagueiros criaram problemas sérios em seus joelhos, preocupando os preparadores físicos. "Era como se um arame trabalhasse por um elástico nos joelhos", dizia Paulo Amaral

ABRIL

O INÍCIO DO FIM

As lesões provocaram a operação no joelho direito em 1963. Nunca mais foi o mesmo

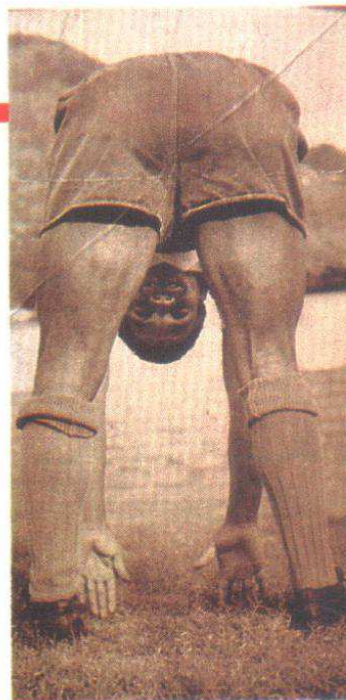
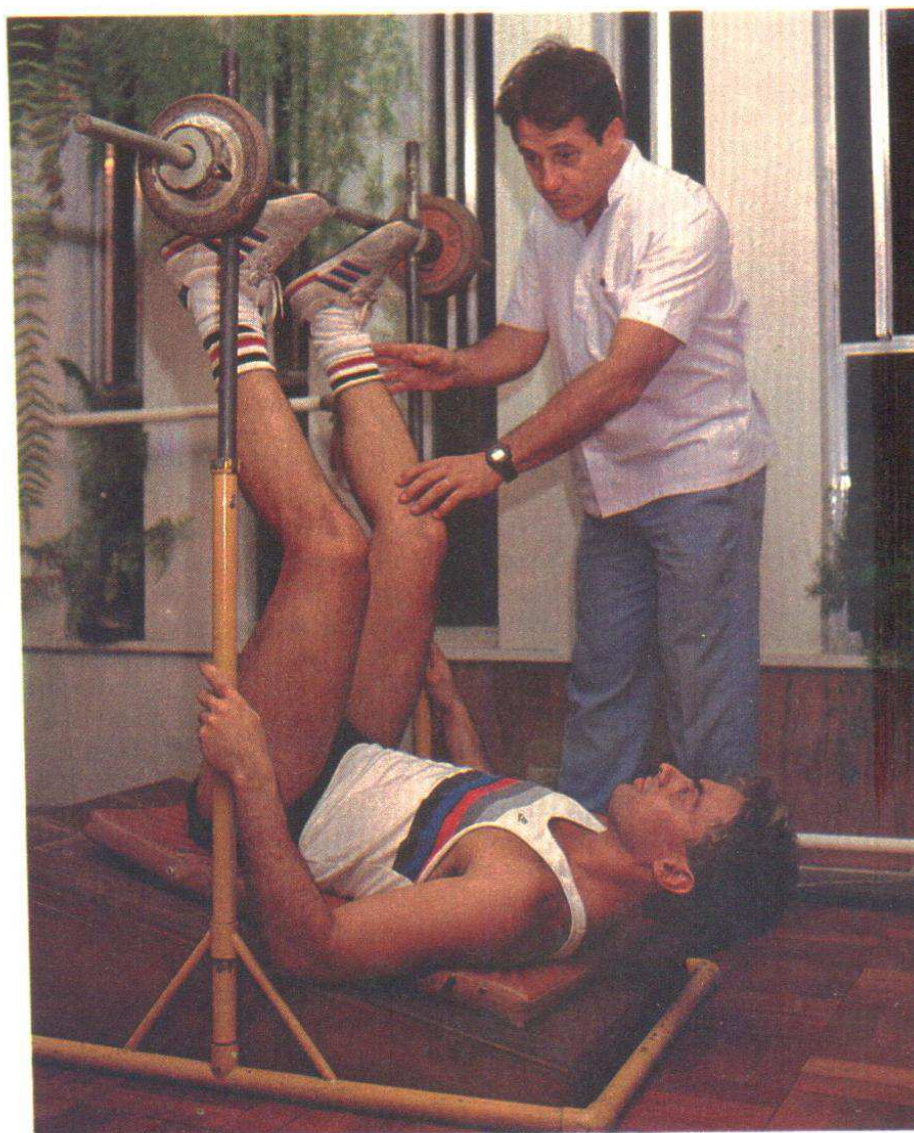
REPRODUÇÃO ABRIL

A ÚLTIMA TENTATIVA

José Roberto Francalacci *(em pé)* construiu, em 1968, um "Leg Press" para recuperar Garrincha. Com pesos, pressionava as pernas, fortalecendo a musculatura e corrigindo a artrose

AG. O GLOBO

COLEGAS APREENSIVOS

Até os companheiros preocupavam-se com as contusões de Garrincha. Como Zagalo, que, em 1962, já mostrava sua apreensão com o futuro da carreira do colega de Botafogo

RICARDO CORRÊA

AS MULHERES

ABRIL

CRISES SEMPRE PRESENTES

Em 49 anos de casamentos, Mané teve momentos de muita alegria. Como em seu relacionamento com Elza Soares *(acima)*, com quem conviveu agitados anos depois da Copa do Chile

ENTRE TAPAS E BEIJOS

Ele não era craque apenas em campo. Encantava também as mulheres. Casou-se três vezes e teve um caso de amor que durou toda a vida. Mas seus casamentos, além de amor e treze filhos, deram-lhe momentos de tensão e desarmonia

Se tivesse vivido separadamente com cada uma das mulheres que conviveu, Garrincha teria necessariamente que ter se unido a uma mulher pela primeira vez logo após seu nascimento. A idéia, aparentemente absurda, reflete a importância do sexo feminino na vida do craque. Ao todo foram três casamentos — mais um relacionamento fixo com a amante Iraci —, que ocuparam os 49 anos de sua vida e resultaram em doze filhos. E, além deles, Garrincha teve um caso durante a Copa do Mundo de 1958 que provocou o nascimento de um menino, chamado John, que mora na Suécia até hoje.

Desde o primeiro casamento com Nair Marques, em 1952, no entanto, Garrincha marcou seus relacionamentos tanto pelo amor quanto pelas confusões. A esposa Nair, mãe de oito de suas filhas, e que faleceu em 1975, não percebia que o marido tinha outras mulheres. Sua única preocupação era não deixá-lo sair para a concentração de terno. "É traje para baile", argumentava. Isso até Garrincha conhecer a cantora Elza Soares, durante o Mundial de 1962, e começar um caso de amor que durou dezesseis anos. A lua-de-mel do início se transformou num relacionamento tumultuado devido aos desentendimentos em função da bebida, que geraram uma agressão à esposa e a conseqüente separação. Da relação restou um filho, apelidado Garrinchinha, morto em 1986.

No início de 1978, juntou-se a Vanderléa, viúva do ponta-direita do Vasco no começo dos anos 70, Jorginho Carvoeiro. Conviveu cinco anos com ela, teve uma filha chamada Lívia, atualmente com 11 anos, mas gerou críticas da família, que a acusa até hoje de bater em Garrincha em seus momentos de embriaguez.

Além desses três casamentos, Mané conviveu durante anos com uma ex-namorada de infância chamada Iraci, mãe de um casal de filhos — Nenê, já falecido, e Márcia. De tão apaixonada, ela ainda guarda lembranças como a camisa do Olaria, último clube do ponta, e roupas antigas do craque. De todas as ex-mulheres vivas, concorre ao título de a mais apaixonada.

TOTALPHOTO

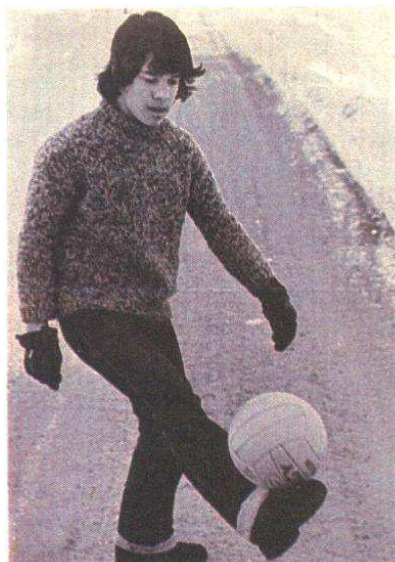
Com Elza Soares, um amor que começou em 1962, causou seu desquite e durou dezesseis anos

FOTOS RICARDO CORRÊA

O LAR É PAU GRANDE

Edenir, Marinete, Juraciara, Teresa e Denízia *(da esquerda para a direita)*: cinco das oito filhas do primeiro casamento de Garrincha ainda moram em Pau Grande e guardam com carinho as lembranças do pai

ANOS DOURADOS

Garrincha casou-se com Nair em 1952. Teve oito filhas e uma vida familiar tranqüila, mas que só resistiu por dez anos

ARI GOMES

RAÍZES NA SUÉCIA

Na Copa de 58, Mané deixou sua herança: o filho John nasceu de um relacionamento com uma sueca

DOCE LEMBRANÇA

Vanderléa, sua última mulher, e a filha Lívia, de 11 anos, a maior recordação do ex-marido. Mas os cinco anos de convivência custam acusações da família do craque até hoje

AMANTE APAIXONADA

De namorada de infância, Iraci tornou-se amante e mãe de um casal de filhos. A velha paixão a faz guardar até hoje lembranças como a camisa do Olaria, seu último clube

AS TRAGÉDIAS

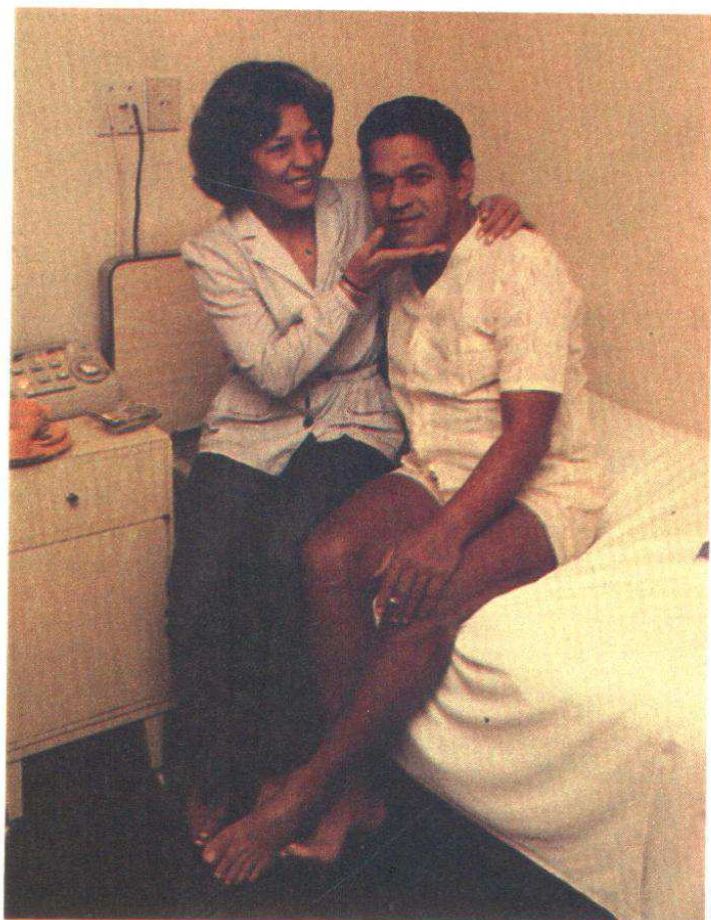
Dentro de campo, era impossível de se marcar. Mas, fora dali, sua vida nem sempre repetiu os momentos felizes vividos na companhia da bola

MARCADO SÓ PELO DESTINO

De todos os marcadores que enfrentou em sua vida, nenhum foi mais cruel e desleal com ele que seu próprio destino. O único que, mesmo tratando com toda a sua irreverência, Mané jamais conseguiria transformar em João.

Sina que talvez tenha começado em abril de 1969, quando jogava pelo Flamengo e parecia pronto para começar uma nova vida. Voltando de Pau Grande ao volante de seu Galaxie, Mané bateu na traseira de um caminhão no km 4 da Via Dutra. Ele, Elza Soares e Sara, sua filha adotiva, sofreram apenas ferimentos leves, mas a sogra do craque, Rosália Gomes, não teve a mesma sorte e morreu na hora. Levado a julgamento, Garrincha seria condenado a dois anos de prisão pela morte da mãe de Elza. Por ser réu primário, porém, teve direito à suspensão condicional da pena.

A bebida, até então um prazer, tornava-se para Mané cada vez mais um vício. E ajudava a afastá-lo definitivamente dos campos que tanto amava. Veio então a necessidade de ser reconhecido, a saudade das glórias do passado. Coisas que jamais passaram por sua cabeça nos bons tempos, mas agora o levavam a brigar com a administração do Maracanã pela posse de velhos troféus, que estavam em seu nome, esquecidos no estádio.

Mesmo após morrer, em 20 de janeiro de 1983, com lesões no fígado e pâncreas provocadas pelo álcool, sua herança continuou marcada pela infelicidade. Em 1986, Manoel Garrincha dos Santos, o Garrinchinha, seu filho com Elza Soares, morria afogado aos 9 anos, após acidente em que foi jogado fora do carro. No início de 1992, era a vez de Manoel de Castilho, o Nenê, seu filho com Iraci, morrer em uma estrada de Portugal. Com ele, que jogava no Maggia da Suíça, desaparecia o último filho homem de Mané capaz de um dia reviver as diabruras do pai nos gramados.

ABRIL

AGONIA LONGE DOS ESTÁDIOS

O resto dos dias do ídolo foi ocupado com idas e vindas aos hospitais. A cada crise provocada pelo álcool, tinha ao lado a última mulher, Vanderléa

ABRIL

UM ACIDENTE NA VIA DUTRA

Em abril de 1969, Rosália Gomes, a mãe da cantora Elza Soares, faleceu em desastre de automóvel. Mané estava ao volante do Galaxie, e também se feriu

ADALBERTO DINIZ

ABRIL

ANIBAL PHILAT/AG. O GLOBO

EM BUSCA DA GLÓRIA PERDIDA

O Garrincha depois da bola nada tinha a ver com a figura alegre dos campos. Amargurado, queria desesperadamente recuperar todo o tempo perdido. Teimava em jogar pelo país afora e chegou a exigir velhos troféus esquecidos no Maracanã, como aconteceu em 1973

HERÓI QUE NÃO DEIXA HERDEIRO

Nenê, seu filho com Iraci, foi o único a seguir carreira como profissional. Esteve no Flu, no Belenenses e jogava na Segunda Divisão suíça quando morreu também em acidente automobilístico

RICARDO BELIEL

A MORTE VOLTA A PEDIR CARONA

Três anos depois de sua morte, em 1986, desaparece também Garrinchinha, de 9 anos, o filho que teve com Elza Soares. O garoto morreu afogado depois de um acidente de carro

AS CAMISAS QUE ELE VESTIU

UMA FESTA PARA TODAS AS TORCIDAS

Vibrar com Mané é um privilégio que corintianos, rubro-negros e torcedores de Norte a Sul também tiveram

Que torcedor não sonhou em ver Garrincha vestindo a camisa de seu clube? Porém, durante mais de dez anos (a maior parte de sua carreira), o melhor ponta-direita da história do futebol manteve-se fiel ao Botafogo. Quem quisesse vibrar com seus gols e jogadas inesquecíveis e não fosse alvinegro tinha que se contentar em vê-lo jogando na Seleção.

Um dia, tudo mudou. O casamento com a estrela solitária, talvez o único em sua vida que permanecia feliz e duradouro, desfez-se quando os problemas no joelho começaram a se agravar. Só então, aos 32 anos, Garrincha viu-se livre para encantar outras torcidas. A primeira foi a do Corinthians, que o recebeu em 1966 com muita festa e uma sede de títulos que já durava doze anos. Em dezembro do mesmo ano, porém, ele se despediria de forma decepcionante: foram só dez minguados jogos, insuficientes para saciar a Fiel.

A situação, agora, se invertia: era o Mané, passe livre na mão, quem vagava à procura de um time para defender. Só no começo de 1968, depois de tentar a sorte sem nada conseguir na Portuguesa carioca, no Bangu e na Bolívia, ele reapareceria, agora no Atlético Júnior de Barranquilla, da Colômbia. Lá também pouco jogou, e, no final do ano, dava-se o encontro tardio com o Flamengo, seu time de infância. Foram pouquíssimos os jogos oficiais, mesmo porque a intenção maior era abrir o mercado do Norte e Nordeste do país ao Flamengo com amistosos que tivessem Garrincha com a camisa rubro-negra.

Depois disso, ainda tentou jogar na Europa. Treinou no Benfica, sonhou com o Red Star de Paris. Mas o máximo que Mané conseguiu foi um lugar no Lázio, não o de Roma, mas sim o do balneário de Tor Vajanica, time de açougueiros que disputava campeonatos amadores contra mecânicos, pedreiros e funileiros na Itália.

Seu canto do cisne no futebol profissional aconteceu no Campeonato Carioca de 1972, que Mané disputou pelo Olaria, já aos 38 anos. Foi quando passou também a se apresentar pelo Brasil afora, defendendo ao menos uma vez clubes de toda parte, do CEUB, de Brasília, ao Juventus, do Acre. Com outros veteranos, formou ainda no Milionários, time que excursionava pelo país fazendo seguidas exibições.

Em nenhum dos outros lugares por onde passou, no entanto, Garrincha conseguiu exibir os dribles fáceis e gols impossíveis dos bons tempos de Botafogo. Mas em cada uma das camisas 7 que vestiu deixou um pouco de sua marca, como uma homenagem da alegria do povo a todas as torcidas.

No Corinthians, Garrincha teve os últimos adversários à sua altura. Como o santista Zito

ABRIL

TEMPOS DE ESPERANÇA NO TIMÃO

Mais de 40 mil pessoas bateram o recorde de renda em São Paulo para ver a estréia de Garrincha no Corinthians, em março de 1966. O resultado — 3 x 0 para o Vasco — não poderia ter sido pior. Mas os tempos eram de esperança, tanto para o Mané quanto para a Fiel. "Eu e o Corinthians estamos em situações parecidas", dizia o jogador, comprado ao Botafogo por 220 milhões de cruzeiros. Era verdade: seu novo clube, para conseguir um título que nunca chegava, precisava de um ídolo. E ele procurava outro time em que pudesse mostrar seu valor. No entanto, pouco fez no Parque São Jorge. Além de dois gols (contra Cruzeiro e São Paulo), ganhou o último Torneio Rio-São Paulo, junto com Botafogo, Vasco e Santos (por causa da Copa, não houve tempo para decidir o título, e os quatro foram campeões). Único corintiano convocado para o Mundial da Inglaterra, em 1966, na volta pouco jogou. Depois de uma derrota de 3 x 0 para o Santos, receberia o passe livre.

DEZ JOGOS, DOIS GOLS

Data	Adversário	Resultado	Local	Competição	Gols
2/3/66	Vasco	0 x 3	Pacaembu	Rio-São Paulo	—
10/3/66	Botafogo-RJ	1 x 5	Maracanã	Rio-São Paulo	—
13/3/66	Cruzeiro	2 x 1	Mineirão	Amistoso	1
19/3/66	São Paulo	2 x 0	Pacaembu	Rio-São Paulo	1
21/3/66	Palmeiras	1 x 2	Pacaembu	Rio-São Paulo	—*
24/3/66	Flamengo	3 x 1	Pacaembu	Rio-São Paulo	—
27/3/66	Santos	0 x 0	Pacaembu	Rio-São Paulo	—
3/9/66	Real Madrid	1 x 1**	Cadiz (ESP)	Torneio Carranza	—
5/9/66	Zaragoza	0 x 2	Cadiz (ESP)	Torneio Carranza	—
9/10/66	Santos	0 x 3	Pacaembu	Camp. Paulista	—

* Garrincha perdeu um pênalti aos 43 minutos do 2.º tempo

** Nos pênaltis, Real Madrid 3 x 2

Jogos: 10 Vitórias: 3 Empates: 2 Derrotas: 5 Gols: 2

AS CAMISAS QUE ELE VESTIU

Garrincha foi incompreendido pelos colombianos do Atlético Júnior. Uma semana depois, voltou ao Brasil

ABRIL

ARRASTANDO MULTIDÕES

Para ver Garrincha em campos colombianos, o Atlético Júnior de Barranquilla não poupou esforços. E nem dinheiro — só por sua primeira apresentação, pagou o equivalente a 548 dólares, recorde para o futebol da Colômbia na época. Uma multidão assistiu à estréia do ponta, contra o Santa Fé, em agosto de 1968. Mas, após a derrota por 3 x 2, os torcedores que lotavam o estádio para aplaudi-lo não pouparam o craque brasileiro. Afastado por quase dois anos dos campos, ele não mostrou os dribles desconcertantes e a mobilidade que dele se esperavam. Garrincha foi vaiado impiedosamente e, uma semana depois, rescindiria o contrato com o clube.

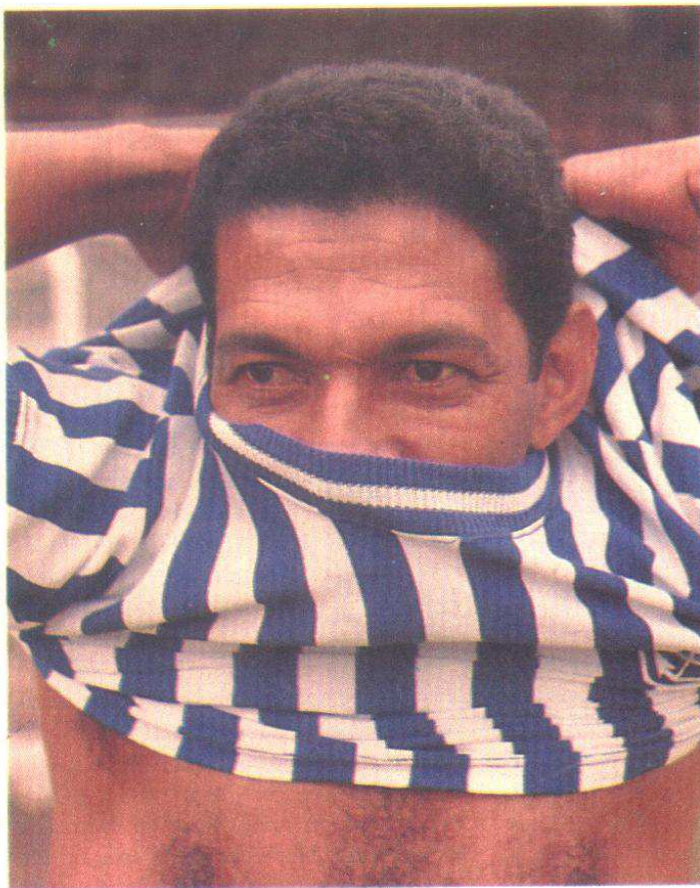
OUVINDO A VOZ DO CORAÇÃO

Garrincha precisou jogar quinze anos até poder realizar, no fim de 1968, um velho sonho de infância: vestir a camisa preta e vermelha do Flamengo, o seu time do coração. A estréia, contra o Vasco, era um jogo apenas para cumprimento de tabela, já que o Mengo estava fora da disputa do Robertão, o campeonato brasileiro da época. Mesmo assim, mais de 20 mil pessoas ficaram de fora, sem poder presenciar sua volta ao Maracanã. Mas a maioria de seus jogos foi realizada longe dos olhos dos rubro-negros, já que a intenção do clube ao contratá-lo era tê-lo como atração nos amistosos que faria pelo interior do país.

QUINZE VEZES FLAMENGO

Data	Adversário	Resultado	Local	Competição	Gols
30/11/68	Vasco	0 x 2	Maracanã	Torneio Robertão	—
19/1/69	América-RJ	2 x 2	Maracanã	Amistoso	1
26/1/69	Robin Hood (SUR)	3 x 1	Suriname	Amistoso	—
28/1/69	Transwall (SUR)	2 x 3	Suriname	Amistoso	1
30/1/69	Robin Hood (SUR)	4 x 0	Suriname	Amistoso	—
2/2/69	Fast	2 x 0	Manaus	Amistoso	1
4/2/69	Nacional	0 x 0	Manaus	Amistoso	—
6/2/69	Paysandu	3 x 0	Belém	Amistoso	—
9/2/69	ABC	2 x 1	Natal	Amistoso	1
11/2/69	América-RN	3 x 0	Natal	Amistoso	—
13/2/69	Fluminense-BA	2 x 0	F. de Santana	Amistoso	—
9/3/69	América-RJ	0 x 0	Maracanã	Camp. Carioca	—
22/3/69	São Cristóvão	2 x 0	Maracanã	Camp. Carioca	—
2/4/69	Bangu	1 x 1	Maracanã	Camp. Carioca	—
12/4/69	Campo Grande	1 x 0	Maracanã	Camp. Carioca	—

Jogos: 15 Vitórias: 9 Empates: 4 Derrotas: 2 Gols: 4

Contra o Fast, em Manaus, a mesma dedicação à camisa rubro-negra mostrada...

WALTER FIRMO

A camisa agora é a do Olaria: mesmo assim, 50 mil viram sua estréia

AS ÚLTIMAS TARDES DE MARACANÃ

Seus últimos jogos como profissional foram pelo Olaria, clube de pequena torcida no Rio de Janeiro. O prestígio de Mané junto aos cariocas, porém, permanecia inabalado: em seu jogo de estréia, contra o Flamengo, quase 50 mil pessoas foram vê-lo. Um público poucas vezes repetido nos jogos do Olaria em toda a história do time. O velho craque começava também a se despedir do Maracanã, palco da maioria de suas exibições. A última delas, por coincidência, foi contra o Botafogo, clube em que viveu seus melhores momentos, em agosto de 1972.

OS JOGOS NO OLARIA

Data	Adversário	Resultado	Local	Competição	Gols
23/2/72	Flamengo	1 x 1	Maracanã	Camp. Carioca	—
1.º/3/72	Rio Branco-ES	1 x 2	Vitória-ES	Amistoso	—
4/3/72	América	1 x 1	São Januário	Camp. Carioca	—
23/3/72	Comercial-SP	2 x 2	Rib. Preto-SP	Amistoso	1
25/3/72	Fluminense	1 x 5	Maracanã	Camp. Carioca	—
16/4/72	Bangu	1 x 0	Rua Bariri	Camp. Carioca	—
19/4/72	Bonsucesso	2 x 0	T. de Castro	Camp. Carioca	—
21/5/72	América-RJ	0 x 1	São Januário	Camp. Carioca	—
19/7/72	Botafogo-RJ	1 x 1	Maracanã	Camp. Carioca	—
23/8/72	Botafogo-RJ	0 x 1	Maracanã	Camp. Carioca	—
Jogos: 10	Vitórias: 2	Empates: 4	Derrotas: 4	Gols: 1	

MANOEL SOARES/AG. O GLOBO

...pelo país afora: um caso de amor

ATRAÇÃO EM TODA PARTE

Mesmo afastado dos grandes espetáculos, Garrincha continuou levando seu futebol às cidades do interior do Brasil que se interessavam em vê-lo jogando pelo menos uma vez com a camisa de seus clubes. Candidatos não faltavam — nesse roteiro do interior, ele chegou, em 1976, a fazer quinze apresentações em pouco mais de um mês, entre os Estados de Mato Grosso e Amazonas. O CEUB, de Brasília, o Juventus, do Acre, e o Sousa, da Paraíba, são alguns times que podem se orgulhar de tê-lo defendendo suas camisas. Depois veio a fase de jogos com o Milionários, time de veteranos em que reencontrou velhos amigos dos tempos de bicampeonato mundial, como Djalma Santos.

DIÁRIO DE BRASÍLIA

CEUB: boa exibição e convite para voltar ao profissionalismo

ABRIL

No Sousa: ídolo entre os jogadores paraibanos

AMÉRICO DE MELLO

Juventus, do Acre: um símbolo do nosso futebol

MANOEL MOTTA

Com Djalma Santos e Oreco, no Milionários: reencontro dos velhos campeões

IMORTAL COMO UM DRIBLE

Em sua última noite de Maracanã lotado, Garrincha encerrou a carreira de gênio com uma obra-prima

Na boca do túnel do Maracanã, o velho ídolo ouvia o grito forte, vindo do fundo da alma de cada um dos 131 551 torcedores presentes para assistir à sua última exibição: "Mané, Mané, Mané, Mané..." Era como se o tempo tivesse parado e ele ainda pudesse, estrela solitária ao peito como nos anos 60, vencer com os rápidos movimentos de suas pernas tortas a todos os "joões". Como se tivesse forças para uma vez mais reencontrar-se com a linha de fundo e fazer o povo novamente feliz. Mas o próprio Garrincha, depois de muito relutar, havia se convencido de que não dava mais para ser assim. Por isso estava lá, naquela noite de 19 de dezembro de 1973. O jogo que reunia uma Seleção de brasileiros e outra de estrangeiros convidados para a festa, com renda revertida para o craque, marcaria a sua retirada definitiva dos campos.

E a torcida, fiel companheira desde os tempos de dribles fartos? O que poderia esperar dele naquele último encontro? Tudo, pensava-se. Craque de imprevisibilidade única na história do futebol, Garrincha tinha o dom mágico de incutir nas pessoas a esperança de rever, por uma vez mais que fosse, a grande jogada, a finta desconcertante. Mesmo que já estivesse com 40 anos. Ainda que em um jogo amistoso como aquele. Apesar de não ficar em campo o tempo inteiro. Garrincha era sempre a atração.

No aceno para a multidão que ele soube fazer feliz, uma certeza: a camisa 7 perdeu seu dono

Todo o mundo do futebol se mobilizou para homenagear Mané. Até o Rei Pelé, companheiro de outras batalhas, estava presente, e mesmo figuras importantes na vida do craque, como seu compadre Nílton Santos, fizeram questão de pagar seus ingressos. Com a renda, Mané pôde comprar uma casa na Barra da Tijuca, um Mercedes-Benz usado, um pequeno apartamento para cada uma das oito filhas e a sociedade em uma churrascaria.

São 17 minutos de um jogo que terminará em 2 x 1 para os brasileiros, de virada, com um golaço de Pelé e outro de Luís Pereira. Para os estrangeiros, apenas o gol solitário do argentino Brindisi. O mais importante, porém, está para acontecer agora. Garrincha pára a bola à frente de Oscar Bruñel, zagueiro do Flu, que defendia os estrangeiros improvisado na lateral.

FOTOS CHICO NÉLSON

Durante alguns segundos, o suspense entre suas pernas tortas e o olhar fixo do zagueiro remete o torcedor do Maracanã a jogadas perdidas em velhos jogos de outros tempos. A volta que Mané dá sobre o zagueiro sai perfeita, e a bola, como em seus melhores dias, passa limpa entre as pernas do "João". O remoçado Garrincha, então, a recupera mais na frente e, sem ângulo, chuta forte, mas longe do gol de Andrada. O estádio inteiro nem esperou pela conclusão do lance. De pé, todos já o aplaudiam antes, com entusiasmo. Foi a última alegria do povo.

Aos 30 minutos, ainda no primeiro tempo, quando a bola estava no ataque dos brasileiros, o juiz Armando Marques paralisou a partida. Era chegado o momento que Garrincha tantas vezes adiou desde que saiu do Botafogo, em 1966, sempre na tênue esperança de um instante a mais de glória. Ele então deixou o campo para comandar uma volta olímpica. Acenando para a multidão, tirou primeiro a camisa (que não era a da Seleção Brasileira, mas a do combinado, representado pelo escudo da Fundação de Garantia ao Atleta Profissional, uma das promotoras da festa). Depois as chuteiras e, em seguida, as meias. Para, aos poucos, desaparecer pela última vez como jogador de futebol, túnel do Maracanã abaixo, sob os gritos do povo que sempre acreditou nele.

Obrigado, Mané!

O ÚLTIMO JOGO

19/dezembro/73

BRASILEIROS 2 X ESTRANGEIROS 1

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juízes: Armando Marques (1.º tempo) e Arnaldo César Coelho (2.º tempo); Renda: Cr$ 1 383 121; Público: 131 551; Gols: Brindisi 22 e Pelé 38 do 1.º; Luís Pereira 21 do 2.º

BRASILEIROS: Félix (Leão), Carlos Alberto (Zé Maria), Brito (Luís Pereira), Piazza e Everaldo (Marinho Chagas); Clodoaldo (Zé Carlos) e Rivelino (Manfrini); Garrincha (Zequinha), Jairzinho (André), Pelé (Ademir da Guia) e Paulo César Caju (Mário Sérgio). Técnico: Zagalo

ESTRANGEIROS: Andrada, Forlan, Alex, Reyes (Olevansky) e Bruñel; Dreyer e Pedro Rocha; Houseman (Babington), Brindisi, Doval e Onisherto (Levtchev). Técnico: Mário Travaglini

Aos 30 minutos do primeiro tempo, Garrincha foi substituído.

AS GLÓRIAS DO MANÉ

1957
Campeão carioca pelo Botafogo

1958
Campeão mundial na Suécia, pela Seleção Brasileira

1961
Campeão carioca pelo Botafogo

1962
Bicampeão carioca e campeão do Torneio Rio-São Paulo pelo Botafogo

Bicampeão mundial no Chile, pela Seleção Brasileira

Artilheiro da Copa do Chile com 4 gols

1964
Campeão do Torneio Rio-São Paulo pelo Botafogo

1966
Campeão do Torneio Rio-São Paulo pelo Corinthians

FOTOS ALMIR VEIGA

MOMENTO DE RARA BELEZA

Garrincha parte para cima de Bruñel e passa-lhe a bola no meio das pernas. Mesmo sem ângulo, arrisca o chute a gol: lance digno dos bons tempos

O apelo dramático de um santista

Publiquem uma foto do time atual do Santos, com Sérgio, Almir e o artilheiro Paulinho, pelo amor de Deus!

Luciano Aparecido Barboza
São Bernardo do Campo, SP

Para a galera cantar nos estádios

Qual a letra do hino do Fluminense?

Clóvis Souza da Silva
Santarém, PA

Publiquem por favor a letra do hino do Botafogo.

Luiz G. Magnani
São Mateus do Sul, PR

Os dois hinos, assim como os dos outros clubes do Rio de Janeiro, são de autoria de Lamartine Babo, famoso compositor dos anos 40 e 50. O do Flu é assim: Sou tricolor de coração/ Sou do clube tantas vezes campeão/ Fascina pela sua disciplina, o Fluminense me domina/ Eu tenho amor ao tricolor/ Salve o querido pavilhão/ Das três cores que traduzem tradição/ A paz, a esperança e o vigor/ Unido e forte pelo esporte/ Eu sou é tricolor… Vence o Fluminense/ Com o verde da esperança/ Pois quem espera sempre alcança/ Clube que orgulha o Brasil/ Retumbante de glórias e vitórias mil…
Sou tricolor… (bis)
Vence o Fluminense/ Com sangue encarnado/ Com amor e com vigor/ Faz a torcida querida vibrar com emoção/ Clube campeão…

E o do Bota é este: Botafogo, Botafogo/ Campeão desde 1910/ Foste herói em cada jogo, Botafogo/ Por isso é que tu és/ E hás de ser…/ Nosso imenso prazer/ Tradições…/ Aos milhões tens também/ Tu és o Glorioso/ Não podes perder/ Perder pra ninguém/ Noutros esportes tua fibra está presente/ Honrando as cores do Brasil, de nossa gente/ Na estrada dos louros, um facho de luz/ Tua estrela solitária te conduz…

FOTOS NELSON COELHO

Eis o Peixe. *Em pé:* Marcelo Veiga, Luís Carlos, Sérgio, Marcelo Fernandes, Bernardo e Índio; *agachados:* Almir, Axel, Paulinho, Ranieli e Cilinho

Recado do leitor para Parreira e Zagalo

Esta é a minha convocação para a Seleção Brasileira de futebol:

Goleiros - Gilberto (Sport), Paulo César (Cruzeiro) e Sérgio (Santos); Laterais - Cafu (São Paulo), Marcelo Veiga (Santos), Giba (Corinthians) e Paulo Roberto (Cruzeiro); Zagueiros - Marcelo (Corinthians), Antônio Carlos (São Paulo), Paulão (Cruzeiro) e Cléber (Logroñes, da Espanha); Meio-campistas - Júnior (Flamengo), Raí (São Paulo), César Sampaio (Palmeiras), Mauro Silva (Bragantino), Wílson Mano (Corinthians) e Luís Henrique (Palmeiras); Atacantes - Bebeto (Vasco), Paulo Nunes (Flamengo), Naldinho (Bahia), Valdeir (Botafogo), Nílson (Portuguesa), Gaúcho (Flamengo) e Paulinho (Santos). Apesar dos palpites, minha comissão técnica preferida mantém Parreira e Zagalo.

Gabriel de Andrade Santana
Guarujá, SP

O Verdão está de roupa nova

Gostaria de ter uma foto de algum jogador do Palmeiras em ação, já com a nova camisa listrada.

Amarildo José Antunes
São Paulo, SP

Edu Marangon e a nova camisa do Verdão: listas e design italiano

CORREÇÃO

No Guia do Campeonato Brasileiro (n.º 1068), os confrontos entre Atlético-PR e Santos (págs. 8 e 38) não batem. Depois do empate em 2 x 2 pela 16.ª rodada, são agora seis jogos, com quatro vitórias do Peixe e dois empates. O Atlético-PR marcou quatro gols e o Santos, onze.

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausi Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573, Caixa Postal 2372, tel.: (01 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (01 534-5638, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS

BRASIL

Belo Horizonte: r. Paraíba, 1122, 18.º andar, Bairro Funcion rios, CEP 30130, tels.: (031) 226-7799/7007, Telex (031) 108 FAX: (031) 226-7114

Blumenau: r. 7 de Setembro, 1574, 5.º andar, CEP 89010, te (0482) 26-1415, Telex (0482) 47-1017, FAX: (0482) 26-0902

Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Ce ter, 14.º e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8855, Tel (061) 1464 e 1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpres

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/13 Centro, CEP 13010-911, tel.: (0192) 33-7100, Telex (019 193311, FAX: (0192) 23281

Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 7905 Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685

Caxias do Sul: r. Pinheiro Machado, 2705, sala 503, Ed. M tropolitan, tel.: (054) 223-2455

Cuiabá: r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 7800 Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674

Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andare Bairro Centro Cívico, CEP 80530, tel.: PABX (041) 252-699 Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento a assinante) (041) 252-5566

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, cor 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (048 1004, FAX: (0482) 23-5873

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeot CEP 60150, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607

Goiânia: r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74310, tel.: (06 241-3756

Natal: r. Dr. Múcio Galvão, 435, Lagoa Seca, CEP 59020-55 TELEFAX: (084) 223-2303

Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sa 704, CEP 93510, tel.: (051) 593-9891

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 30 Bairro Menino Deus, CEP 90060, tels.: (051) 229-5899/4177, Te lex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (051) 229-4857

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 90 Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (08 1184, FAX: (081) 424-3896

Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010, TELE FAX: (016) 634-9376

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafog CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (02 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 6. andares, salas 303 e 604, Bairro Pituba, CEP 41820, tel.: (07 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CE 12245, tel.: (0123) 21-1126, FAX: (0123) 21-5046

Vitória: av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º an dar, conj. 1002/1004, Centro, CEP 29010, TELEFAX: (02 223-4688

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 340 New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Te lex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (0033 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (0033 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • EXAME INFORMÁTICA

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** (011) 823-9222

ANER IVC

IMPRESSA NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Jarbas
Há 18 anos o **Guia Rodoviário 4 Rodas** me acompanha em todas as viagens que eu faço.
Aliás, antes mesmo de pôr o carro na estrada, ele já está ao meu lado, ajudando a planejar cada quilômetro que eu vou percorrer.
É assim que eu fico sabendo antes qual a estrada que devo seguir, qual a distância e qual o tempo que a minha viagem vai levar.
Informações superatualizadas sobre 1.600.000 km de estradas, 16.300 distâncias estado por estad 36.000 km de roteiros, as populaç de 8.000 localidades atualizadas pe Censo de 91.
Traz os nomes e siglas das estra das, as atrações turísticas mais interessantes, índices de parques nacionais, os fusos horários, todos os serviços de emergência, as regiõ brasileiras e muitas outras dicas pa que eu planeje e viaje melhor.
O **Guia Rodoviário 4 Rodas 92** é completo.
Eu só viajo com ele no porta-luva
Experimente viajar com ele você também.
GUIA RODOVIÁRIO
QUATRO RODAS
1992
1.600.000 km de estradas
8.000 cidades
16.300 distâncias
36.000 km de roteiros
População: os novos números
Editora Abril
Nas Bancas.
O meu companheiro de estrada.